

CARLOS JULIANO TORRES PASTORINO

(Professor de Latim no Colégio Pedro II e no Colégio Militar — Redator do
«Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro)

DE PESTILITATE IN LUCRETI POEMATE

Tese apresentada ao Concurso para
Professor Catedrático de Latim do
Colégio Pedro II (Internato).

o O o

RIO DE JANEIRO
1950

I — INTRODUÇÃO

A peste, êsse espantinho terrível dos povos antigos e modernos, preocupou sempre a humanidade, reunida em coletividade mais ou menos densa, tal como as moléstias aos indivíduos reunidos em famílias.

Historiadores e poetas, romancistas e médicos, procuraram sempre registrar suas observações, perscrutando com ânimo científico, ou simplesmente curioso e literário, os pormenores do mal, seus diversos estágios, sua marcha lenta ou rápida, seus sintomas e seus efeitos.

Mas é nos poetas, especialmente naqueles que escreveram longe do perigo iminente e baseando-se em textos alheios, que encontramos o lado estético mais desenvolvido, as pesquisas e as narrativas mais cerebrais e sentimentais, que se prestam a exames literários proveitosos.

Não nos cabe, aqui, acenar aos milhões de vidas que êsse flagelo já ceifou na humanidade, nem à visão sempre aterradora da peste a ferir indistintamente ricos e pobres aos milhares, alimentando-se do sangue e da carne como de pasto se nutre o gado, arrastando suas vítimas ao seio insaciável da natureza, devoradora voraz, com suas bocas abertas em forma de sepultura, que jamais se fartam de cadáveres, como jamais se farta de água a terra. (Prov. XXX, 16).

Não estamos a traçar o histórico das pestilências que afligiram os homens ferindo a imaginação do povo e perpetuando-se na memória das gerações, mas não podem passar sem uma citação a peste do Egito, narrada por Moisés no livro do Êxodo (caps. 7, 8, 9, 10 e 11), e ocorrida, mais ou menos, no ano 1.300 A.C.; a peste que em 1280 A.C. assolou o exército grego, e é narrada por Homero (Iliada, I, 8-100); a de Creta, descrita por Virgílio (Eneida, III,137-191); e a de Atenas, em 431 A.C., conhecida por "Peste de Tucídides", por ter sido presenciada sofrida e contada com pormenores por êle em sua "História da Guerra do Peloponeso" (II, 48 e III,80). Sobre esta última narração baseou-se Lucrécio (De rerum natura, VI, 1136-1286), trecho êsse que será o centro de nosso estudo. Mas Lucrécio serviu de ponto de apoio para a narração da peste que assolou o gado nos Alpes Nórpicos, e que é contada por Virgílio nas Geórgicas (III,474-566), e para a descrição da peste de Egina, no ano 1200 A.C., feita por Ovídio (Met. VII, 525-660).

Já que estamos no assunto, não nos custa citar a peste que ceifou uma quarta parte da população da Europa no século XIV (1334-1349), fazendo cerca de 25 milhões de vítimas, numa população de 105 milhões de almas, e na parte que se refere a Florença, por volta do ano 1348 foi magnificamente narrada por Boccaccio, no Decamerone (Introdução à primeira jornada). Podemos ainda enumerar a peste de Florença, de 1.527, descrita por Nicoló Machiavelli, e a de Milão de 1630, vivida nos "Promessi Sposi", por Alessandro Manzoni, que hauriu os dados nos autores contemporâneos por êle citados (Jos. Ripamonti. De peste quae fuit an. 1.630 in urbe Mediolanensi,

OBRAS DO AUTOR:

Pequena História da Música, Rio, 1937 (esgotado).
A Música através dos séculos, Rio, 1942.
Chave da Versão Latina, Rio, 1947.
A Semi-consoante latina "i" — *Revista de Filologia*.
Garcia Lema, pintor (em castelhano), Rio, 1939.
Wim Van Dijk, l'homme, le peintre, l'oeuvre, (em francês), Rio, 1939.
Numerosos artigos na imprensa periódica e diária.

PRONTAS PARA EDITAR:

Cícero, "Orator" texto crítico e comentários.
Sintaxe portuguesa.
Arte contemporânea no Brasil (4 vols.).
Pequena história das religiões.
O Castigo (pedagogia).
Dell'iniziativa nell'educazione (tese de pedagogia, em italiano).
Scholasticae Philosophiae definitionum enchiridion (em latim).
Desastres (romance).
Farrapos do coração (versos em português, latim, italiano e castelhano).

TRADUÇÕES:

ANDRÉ MAUROIS, *Sentimentos e costumes*, Rio, 1938 (do francês).
P. e E. ERIZZO, *O romance do advogado*, Rio, 1939 (do italiano).

DE PESTILITATE
IN
LUCRETI POEMATE

PLANO E DIVISÃO

- I — *Introdução*
- II — *Pestilitas*
- III — *O editor do poema lucreciano*
- IV — *Códices e primeiras edições.*
- V — *O final da descrição e do poema*
- VI — *A sequência da descrição*
- VII — *Os textos de Lucrécio e de Tucídides*
- VIII — *Tradução*
- IX — *Comentários*
- X — *A métrica*
- XI — *Conclusões*
- XII — *Bibliografia*

OBRAS DO AUTOR:

Pequena História da Música, Rio, 1937 (esgotado).
A Música através dos séculos, Rio, 1942.
Chave da Versão Latina, Rio, 1947.
A Semi-consoante latina "i" — Revista de Filologia.
Garcia Lema, pintor (em castelhano), Rio, 1939.
Wim Van Dijk, l'homme, le peintre, l'oeuvre, (em francês), Rio, 1939.
Numerosos artigos na imprensa periódica e diária.

PRONTAS PARA EDITAR:

Cícero, "Orator" texto crítico e comentários.
Sintaxe portuguesa.
Arte contemporânea no Brasil (4 vols.).
Pequena história das religiões.
O Castigo (pedagogia).
Dell'iniziativa nell'educazione (tese de pedagogia, em italiano).
Scholasticae Philosophiae definitionum enchiridion (em latim).
Desastres (romance).
Farrapos do coração (versos em português, latim, italiano e castelhano).

TRADUÇÕES:

ANDRÉ MAUROIS, *Sentimentos e costumes*, Rio, 1938 (do francês).
P. e E. ERIZZO, *O romance do advogado*, Rio, 1939 (do italiano).

DE PESTILITATE
IN
LUCRETI POEMATE

PLANO E DIVISÃO

- I — *Introdução*
- II — *Pestilitas*
- III — *O editor do poema lucreciano*
- IV — *Códices e primeiras edições.*
- V — *O final da descrição e do poema*
- VI — *A sequência da descrição*
- VII — *Os textos de Lucrécio e de Tucídides*
- VIII — *Tradução*
- IX — *Comentários*
- X — *A métrica*
- XI — *Conclusões*
- XII — *Bibliografia*

Milano, 1641; e Giov. Tadino, Ragguaglio dell'origine e giornali della gran peste di Milano del 1629, Milano, 1.643).

E poderíamos lembrar a Peste de Londres (1665), a de Marselha (1720), a de Moscou (1770) e o ligeiro surto que correu o mundo em fins do século XIX, tendo atingido o Brasil e especialmente o pôrto de Santos, trazido pelo navio "Rei de Portugal" do Pôrto, e no qual tanto se salientaram os Drs. Vital Brasil e Adolfo Lutz. Aqui no Brasil, além das epidemias de varíola, em 1568, houve a "febre amarela" em 1686, que se multiplicou em 1828, e que durante muitas décadas constituiu um espantalho colocado nas praias brasílicas, a afugentar estrangeiros. Em 1780 houve uma epidemia de coqueluche e uma de oftalmia granulosa em 1830, aparecendo um surto de varíola e sarampo em 1834, e de febre tifoide em 1836, voltando a febre amarela em 1839 e em 1849, quando fez 4.160 vítimas (a população carioca, nessa época, era de 140.000 almas). E mais o cólera morbus em 1855, que ceifou 4.899 vidas.

E é de nossa geração a "gripe espanhola" que causou verdadeira mortandade em 1918 e 1919. E' de ontem, ainda, a imagem dos caminhões repletos de cadáveres já meio putrefactos, com braços e pernas a balouçarem, corpos por cima doutros corpos, a atravessarem estas mesmas ruas que hoje trilhamos. Viva é a recordação da falta não só do supérfluo, como do essencial mais comezinho, a deficiência de alimentação e de medicamentos, os socorros raríssimos, porque a própria enfermidade arrebatava os corajosos ao seu apostolado. Não nos adiantaremos, porém, ao texto que vamos examinar, e que repetirá essas mesmas cenas, pois o quadro é sempre idêntico.

E se neste período mais vizinho a nós não muito difícil foi achar o remédio — e assim mesmo, nem sempre — adequado a atalhar o mal avassalador, por causa do progresso da medicina em ascensão vertiginosa, quão diverso foi o comportamento e a capacidade dos esculápios de outras eras!

Os autores são unânimes a lamentar a insciência humana diante da calamidade irreprimível. E de acôrdo com a índole dos povos nas diferentes fases de civilização, eram responsabilizadas as divindades iradas, as forças da natureza, e até a feitiçaria maléfica. Proveniente duma ou doutra causa, a peste, sob qualquer forma, sempre foi e é o espectro que aterroriza as multidões, lançando pânico igual ao dos incêndios, dos terremotos, das guerras, em suma dos cataclismas das forças naturais, físicas, químicas ou humanas, que ensandecem o espírito, levando-o ao paroxismo da dúvida e do desespero, ao climax do medo e da impotência de reagir.

Em nosso trabalho consideraremos principalmente a parte literária da descrição que faz Lucrécio, deixando de lado o mais possível o aspecto médico.

II — PESTILITAS

1. AS CAUSAS DA PESTE (versos 1.090-1.137)

Na exposição de sua teoria atômica, traduzida de Epicuro e de Demócrito, e "com dificuldade", como êle mesmo o confessa:

Nec me animi fallit Graiorum obscura reperta
difficile inlustrare latinis versibus esse,
multa novis verbis praesertim cum sit agendum,
propter egestatem linguae et rerum novitatem (I,136-139),

após haver tentado explicar os mais variados fenômenos naturais e morais baseando-se na existência somente da matéria, constituída de pequenas partículas, entre as quais se estabelecia o vácuo, e tudo isso a fim de poder prescindir de qualquer força sobrenatural na humanidade, como prova da não intervenção dos deuses, para, segundo êle, livrar a humanidade do temor da morte, Lucrécio lança um dos argumentos mais convincentes: a matéria é constituída de moléculas e átomos, e apesar de entre êsses corpúsculos haver o vácuo, ela se mantém coesa em virtude da atração que entre êles há, e a prova está no imã, ou magneto:

..... lapis hic ut ferrum ducere possit
quem magnetæ vocant patrio de nomine Grai (VI,906-7).

Dai passa a explicar que todos os corpos produzem emanções que ferem nossos sentidos:

principio omnibus ab rebus, quascumque videmus,
perpetuo fluere ac multi spargique necessest
corpora quae feriunt oculos visumque lacessant.
Perpetuoque fluunt certis ab rebus odores;
frigus ut a fluviis, calor ab sole, aestus ab undis
aequoris exesor moerorum litora propter.
Nec varii cessant sonitus manare per auras.
Denique in os salsi venit umor saepe saporis,
cum mare versamur propter dilutaque contra
cum tuimur misceri absinthia, tangit amaror.
Usqueadeo omnibus ab rebus res quaeque fluenter
fertur et in cunctas dimittitur undique partis,
nec mora nec requies interdatur ulla fluendi,
perpetuo quoniam sentimus, et omnia semper
cernere, odorari licet et sentire sonare (VI, 921-935).

Continuando nessa ordem de idéias, acena ao ponto que desenvolverá mais tarde:

Morbida visque simul, cum extrinsecus insinuatur,
et tempestates terra caeloque coortae,
in caelum terrasque remotae iure facessunt;
quandoquidem nil est nisi raro corpore nexum.
Huc accedit uti non omnia, quae iaciuntur
corpora cumque ab rebus, eodem praedita sensu
atque eodem pacto rebus sint omnibus apta (VI, 955-961).

Passando, depois, a falar das pandemias, Lucrécio vai estabelecer como uma de suas principais causas justamente essa: os átomos (*semina rerum*, a que hoje chamariamos miasmas, ou micróbios), permanecem em suspensão no ar, sendo uns benéficos aos homens, outros maléficos. Quando predominam estes, "*fit morbidus aer*".

Essas ondas de micróbios podem vir pelo ar, infeccionando tudo: alimentos, água de rios, de fontes e de poços, plantações e pastos, e o próprio ar que se respira, sofrendo com isso homens e animais.

Por esse mesmo motivo, continua ele, sofrem muitas pessoas com a mudança de clima, ao viajarem de um lado para outro, e ainda por isso em certos lugares predominam certas moléstias infecciosas, que atacam algures os olhos, alhures os pés.

2. A PESTE DOS ATENIENSES (versos 1.138-1.286)

A confirmação dessa teoria, cita Lucrécio a grande peste que assolou Atenas, na época da Guerra do Peloponeso. O poeta latino nunca entrou em contacto directo com epidemias. Na sua descrição, louva-se integralmente em Tucídides (II, 47-54), que foi testemunha ocular, e sofreu mesmo em si a moléstia, descrevendo-a com precisão, vivacidade e riqueza de pormenores.

O desenvolvimento desta parte, contudo, nós o deixamos para o corpo dos comentários.

III — O EDITOR

Após a morte de Lucrécio, — cuja notícia nos é dada por São Jerônimo, nas notas às crônicas de Eusébio, com as seguintes palavras: "*Titus Lucretius poeta nascitur, qui postea amatorio poculo in furorem versus, cum aliquot libros per intervalla insaniae conscribisset, quos postea Cicero emendavit, propria se manu interfecit, anno aetatis suae XLIV*" (in Munro, pág. 309), e também na Vida de Virgílio, escrita por Donato: "*initia aetatis Cremonae egit (Virgilius) usque ad virilem togam, quam XV anno natali suo accepit isdem illis consulibus iterum duobus quibus erat natus, evenitque ut eo ipso die Lucretius poeta decederet*" (ib.), e que é colocada por Munro por volta dos idos de Outubro do ano 699 U.C., no 2º consulado de Pompeu e Crasso, — na época da publicação de seu poema, há uma conhecida menção dêsse trabalho, feita por Cícero a seu irmão, na carta IX, liv. II, e escrita de Roma no princípio do mês de Fevereiro do ano 700 U.C. portanto cêrca de 4 meses após o óbito do poeta.

Mas o próprio trecho dessa carta é discutível. Reza êle: "*Lucreti poemata, ut scribis, ita sunt, multis luminibus ingeni, multae tamen artis. Sed cum veneris. Virum te putabo si Sallusti Empedoclea legeris, hominem non putabo*".

Tyrrel assim interpreta: "*Sed cum veneris, scilicet, plura de ea re loquimur; ut saepe "sed coram", ex. gr.: Att. XII, 21,2.*

Munro assim modifica: "*Lucreti poemata, ut scribis, ita sunt, multis luminibus ingeni: multae tamen artis esse cum inveneris, virum te putabo; si Sallusti Empedoclea legeris, hominem non putabo*".

E Bergk assim o reconstitui: "*Lucreti poemata, ut scribis, ita sunt: multis luminibus ingeni, non multae tamen artis. Sed si ad umbilicum veneris virum te putabo: si Sallusti Empedoclea legeris, hominem non putabo*".

Verificamos, pois, que tanto Cícero (Marco), quanto seu irmão Quinto, haviam lido o poema, quatro meses após a morte de Lucrécio.

A qual dos dois se refere São Jerônimo, quando diz "*quos postea Cicero emendavit*"? Os argumentos trazidos por Munro à questão são, parece-nos, definitivos em favor do orador. São, em resumo, os seguintes:

a) São Jerônimo diz apenas "Cícero", e quando assim diz, é ao orador que se quer referir, senão especificaria "Quintus".

b) Quintus, nessa época, achava-se como legado de César na Gália e na Britânia, sendo pouco provável que tivesse tempo de entregar-se a êsse trabalho.

c) Pouco se sabe das atividades de Cícero (Marcus) nêsse período, que passou em Roma, podendo entregar a edição a seus amanuenses ou aos copistas de Atico.

d) Já Lucrécio admirava Cícero, tanto que imitou muitas passagens de sua Aratea.

e) Plínio o jovem confirma o assêrto de Proculus: "*M. Tullium mira benignitate poetarum ingenia fovisse*". (Ep. III, 15).

f) Cícero nada escreveu a êsse respeito a Ático, porque o via diariamente em Roma, podendo discutir qualquer assunto com êle. Com efeito, só quando saiu, por alguns dias, para descansar em Tusculano, lhe escreve rápida carta, em que o autoriza a iniciar a publicação de seu "*De Oratore*", e isso em meia dúzia de palavras (Att. IV, 13, 2). Dessa época, temos apenas uma carta, de maio 699, convidando Ático a jantar (IV, 12); a citada de dezembro de 699, em que o autoriza a editar o "*De Oratore*", (IV, 13); uma escrita de Cumano, em maio de 700 (IV, 14), mês em que Ático embarcou para a Ásia, no dia 10; e a última de junho ou julho 700, (IV, 16), bastante longa, em que Cícero — naturalmente após já haver terminado a revisão de Lucrécio — anuncia a seu amigo que pôs mãos ao "*De Republica*".

g) Sobre o fato de Cícero não citar Lucrécio, diz Munro — e com razão — que o Orador citava apenas autores antigos ou a si mesmo, jamais havendo citado nem sequer Catulo, que escreveu uma poesia em seu louvôr.

h) O argumento de Munro, sobre a carta de Cícero a Quinto é o seguinte: Cícero publicou o "*De Rerum*", ou estava tratando disso, e enviou uma cópia a Quinto; êste, lendo-o, escreveu ao irmão, em Roma, dizendo que achava engenho no poeta. E Cícero, em resposta, confirma: "*Lucreti poemata, ut scribis, ita sunt, multis luminibus ingeni; contudo te julgarei um varão digno dêsse nome quando tiveres achado também muita arte; no entanto, se conseguires chegar ao fim da Empedocléia de Salústio, não te julgarei sequer digno do nome de homem*".

Além de Munro, temos a opinião de Ernout, que afirma categoricamente: "*Personne aujourd'hui n'adopte plus l'absurde hypothèse de Lachmann que l'éditeur de Lucrèce aurait été non pas l'orateur Marcus, mais son frère Quintus*" (pág. VIII).

Quanto à carta a Quinto, assim interpreta: "*Les poèmes de Lucrèce sont bien comme tu le dis: le génie y brille et, par ailleurs, l'art y est grand. Mais nous en parlerons à ton retour. Si tu lis les Empoclea, de Saluste, je te tiendrai pour un héros, mais pour un homme, non*" (pág. 53, Correspondance, vol. III).

IV — CÓDICES E PRIMEIRAS EDIÇÕES

Os códices mais antigos de Lucrécio, e mais dignos de fé, estão ambos na Biblioteca Universitária de Leide, e são do século IX; um, oblongo, in folio, chamado O ou A; o outro in-quarto, de forma quadrada, escrito em duas colunas, é o Q ou B. Além desses existem dois fragmentos, também do século IX, a 1ª metade está em Copenhagen, dita "fragmento Gotorpiano" (G); a 2ª acha-se em Viena, é o "fragmento Vindobonense" (V).

O primeiro encontro de Lucrécio, na Renascença, foi feito por Monseñor Poggio Bracciolini, na viagem que, como Secretário Apostólico ao Concílio de Constança, fez pela Suíça, Alemanha, França e Inglaterra, de 1414 a 1420. Perlustrando os Monastérios, deparou com o "De rerum natura", e remeteu o mss. a Nicolò Niccoli, outro estudioso como ele, em Florença. Niccoli ficou com o mss. mais de 20 anos em seu poder, e jamais o restituiu a Poggio, não obstante as reiteradas reclamações. À morte de Niccoli, o mss. não foi mais encontrado, restando apenas uma cópia do próprio punho de Niccoli, que se acha na Biblioteca Laurenciana, em Florença, sob o n. 30. Outros, sob os ns. 25, 26, 27, 28, 29, 31 e 32, (todos inclusive o 30, na estante XXXV) são cópias do 30, dos quais os mais importantes são: L 30, 29, 31 e 32.

Também originários do 30, há seis na Biblioteca Vaticana, de ns. 3.275, 3.276, 640, 1.136, 1.954 e 1.706. Na Inglaterra, Munro colacionou 7, sendo um de Cambridge, que lhe serviu todo o tempo em que escreveu suas notas críticas. Há vários outros na Biblioteca de Paris, alguns dos quais serviram aos comentadores e aos primeiros editores franceses.

A "Editio Princeps" foi feita em 1473 por Fernando de Brescia. Logo a seguir foram feitas as outras cinco primeiras edições: 1486, em Verona, por Paulo Fridenperger, afirmando Munro ser esta edição a que mais fielmente representa o arquétipo original (pág. 3); 1495, em Veneza; 1500 a 1ª Aldina, comentada por Jerônimo Avâncio; 1511, em Bolonha, por João Batista Pio; e 1513 em Florença, por Felipe Giunta.

V — O FINAL DA DESCRIÇÃO E DO POEMA

Apesar de se não haver encontrado, nem uma vez sequer, citação alguma do poema de Lucrécio, em nenhum autor antigo, que fôsse além do v. 1286 do livro VI — ou seja, que ultrapassasse o texto descoberto no século XV por Poggio Bracciolini e os manuscritos mais antigos (e êsse é o argumento mais forte em contrário) — cremos difícil defender a tese de que a obra está completa, e de que Lucrécio tinha a intenção de interromper, ex abrupto, a descrição, como final não só da narração da peste, como de todo o poema.

Queremos que bem clara fique nossa asserção: a obra não está completa. Mas com isso não dizemos que Lucrécio a haja completado, e a parte posterior se tenha perdido. Contra isso, o argumento acima citado é forte e quase irrespondível.

A.C. X
O que cremos mais provável é que o suicídio de Lucrécio, pouco depois de descrever a peste, e apressado mesmo pelo pessimismo por êle vivido nessa descrição, e que ajudou a recaída no estado mórbido de melancolia psíquica depressiva com desespero (tão bem apanhada por São Jerônimo — per intervalla insaniae) o tenha impedido de terminar o trabalho. Tanto que a edição foi póstuma.

A muitas partes do poema faltou cuidadosa revisão do poeta e burilamento de estilo, assim como um epílogo digno do resto do texto, digno dos finais de cada livro e sobretudo do prólogo, a magnífica invocação a Venus.

Entretanto, cremos que já melhora muito o sentido, a colocação dos versos 1.247 e 1.248 após o 1.286, pois, ao menos, a descrição fica terminada paralelamente à de Tucídides, no capítulo 52. (1)

Para melhor salientar a falta de término lógico e literário, vejamos como Lucrécio finaliza os demais livros do poema.

No 1º livro, o fecho é perfeito; diz êle dirigindo-se a Mêmio:

"Haec sic pernosces, parva perductus opella;
namque alid ex alio clarescet, nec tibi caeca
nox iter eripiet, quin ultima natural
pervideas; ita res ascendent lumina rebus". (I, 1.114-1.117).

(1) Outro argumento forte é ainda o de que Tucídides continua a narrativa da peste pelos capítulos seguintes (53 e 54), trazendo pormenores que poderiam ter sido bem aproveitados pelo poeta, não obstante discordarem em certos pontos sua filosofia.

O término do 2º livro é igualmente satisfatório:

"Tristis item vetulae vitis sator atque vietae
temporis incusat momen saeculumque fatigat,
et crepat, anticum genus ut pietate repletum
perfacile angustis tolerarit finibus aevom
cum minor esset agri multo modus ante viritim;
nec tenet omnia paulatim tabescere, et ire
ad capulum spatio aetatis defessa vetusto" (II, 1.168-1.174).

Os últimos versos do livro 3º — em que Lucrécio se estendeu em provar que a alma é mortal — constituem fecho lógico, com uma afirmação categórica, que ao poeta devia ter parecido irresponsível:

Nec prorsum vitam ducendo demimus hilum
tempore de mortis nec delibare valemus,
quo minus diu esse possimus forte perempti.
Proinde licet quotvis vivendo condere saecula;
mors aeterna tamen nihilominus illa manebit,
nec minus ille diu iam non erit, ex hodierno
lumine qui finem vitae fecit, et ille
mensibus, atque annis qui multis occidit ante" (III, 1.087-1.094).

Também o 4º livro termina bem, com feliz e delicada imagem, de acordo com o argumento anteriormente tratado:

"Quod superest, consuetudo concinnat amorem;
nam leviter quamvis quod crebro tunditur ictu,
vincitur in longo spatio tamen atque labascit.
Nonne vides etiam guttas in saxa cadentis
umoris longo in spatio pertundere saxa?" (IV, 1.283-1.287).

O 5º livro apresenta apresenta outrossim uma conclusão bem nítida:

"Navigia atque agri culturas, moenia, leges,
arma, vias, vestes et cetera de genere horum,
praemia, delicias quoque vitae funditus omnis,
carmina, picturas, et daedala signa polire,
usus et impigrae simul experientia mentis
paulatim docuit pedetemptim progredientis.
Sic unum quicquid paulatim protrahit aetas
in medium, ratioque in luminis erigit oras.
Namque alid ex alio clarescere corde videbant
artibus, ad summum donec venere cacumen" (V, 1.448-1.457).

Qual poderia ter sido então o motivo por que Lucrécio iria deixar, de propósito, o 6º livro, o término de seu poema, sem um fecho condigno, se para todos eles procurava uma idéia e uma forma apropriadas?

A razão parece estar, justamente, na informação de São Jerônimo: o suicídio inópino aos 44 anos, com a última crise de melancolia. A última,

porque já vinha tendo outras anteriores, com intervalos de otimismo, de que encontramos diversas provas no decorrer do poema. Loucura não no sentido que atribuímos atualmente à palavra. Diríamos hoje, justamente, melancolia depressiva, com desespero. Doença periódica, como todos sabem, atravessada às vezes sem que nada suceda, mas às vezes fatal.

VI — A SEQUENCIA DA DESCRIÇÃO

Nas edições do "De Rerum Natura", a parte final do livro VI, na descrição da peste, apresenta dúvidas que foram sentidas por todos os comentadores desde Lambinus até Ernout.

Com efeito, o verso 1.225, "Incomitata rapi certabant funera vasta", já experimentou as mais variadas posições, inclusive a proposta de sua expulsão do texto, como apócrifo. Vejamos as principais que conhecemos:

a) Ernout, em nota, afirma: "1.225 versum secluserunt Munr. et Brieg.; post 1.246 transposuit Bentley; alii alia; profecto videtur suo loco non esse, sed habemus tantum lineamenta picturae" (II, 322). Em outra nota, mais abaixo, temos: "1.246 * 1.247 lacunam indicat Munr.; 1.225 inter 1.246 et 1.247 inser. Lachm." (II, 324).

b) Munro escreve: "1.225 — in my small ed. I placed before 1.235. I still think that the poet's words would thereby be rendered more consecutive; but I now see that 1.235 should not be severed from 1.234, Lucr. having misapprehended a sentence of Thucydides. I have therefore now left 1.225 in its place, as an imperfect fragment". (pág. 305). Mais adiante, Munro comenta: "1.247-1.251 — appear, like 1.225, to be out of place and unconnected with what precedes and follows; they refer also to the same matter as that verse, to the neglect of the usual rites of burial: Lucr. in all this part of his poem follows the order of Thuc.: well 1.246 concludes the topics contained in Thuc. 51; 1.252 commences the questions with which Thuc. 52 opens: both then dwell in the same order on the crowding of people from the country into the town and the terrible mortality caused thereby; speak of the dead bodies piled up in the streets and by the fountains; the temples crammed with corpses: Thuc. then goes on to say "omnesque leges, quibus ante in sepultura utebantur, sunt conturbatae, et sepeliebant ut quisque poterat": so too Lucr. 1.278, as if like Thuc. he were entering on a new question, begins "Nec mos ille sepulturae, etc and in four verses paraphrases the words just cited; Thuc. then continues: "Multique ad impudentia sepulcra se converterunt, cum iusta deficerent propter multitudinem eorum, qui sibi ex suis iam ante mortui erant"; and similarly Lucr. 1.282 continues his paraphrase, "Multaque res subita", etc.; Thuc. then goes on: "in alienos enim rogos, antevertentes illos, qui eos extruxerant, alii mortuum suum imponebant, igneque subiecto accendebant": these simple words Lucr. expresses with some poetical embellishment in the last four vss. of his poem; Thuc. completes the above sentence with this clause: "alii vero, dum alterius cadaver arderet, suo cadavere, quod ipsi ferebant, superiecto, discebant": the meaning of these words is given with similar embellishment in the vss. 1.247-1.251, which we are now considering. As the end of the poem is in an unfinished state, and as these vss. as well as 1.225 are clearly out of place having no connection either of sense or grammar with the context, is it not probable that they, like so many others, are incomplete sketches and marginal additions of the poet's, which he intended, but did not live, to embody with the rest of the poem, and which his editors, not knowing

what else to do, put into their present place, almost it may be at hap-hazard? Lachmann's treatment of these vss. is highly unsatisfactory: *cernebant* is a violent change; and the *lacrimis lassi luctuque redibant* he refers to these lookers on who had something else to do in attending on their sick; not to these who had struggled to bury their dead, though that must be their meaning; nay it seems to me almost certain that the poet means by these words to express the 'apéesan' of Thuc. I. 1." (pág. 676-677).

Fizemos a citação completa, apesar de longa, para mostrar como o próprio Munro pensava deverem estar os vv. 1.247-1.248, ao menos, no fim do poema, e o 1.225 no contexto em que o colocamos. Mas vamos à hipótese que formulamos.

A descrição da peste de Atenas é baseada na narrativa de Tucídides, que Lucrécio segue passo a passo, não obstante fazê-lo com liberdade. Para isso bastará lêrmos uma e outra. Assim sendo, por que não organizar a ordem dos versos de Lucrécio pela mesma ordem da narrativa de Tucídides? Veremos que a poesia lucreciana ganha clareza e precisão, nenhum verso ficará sem sentido nem fora do lugar, e não teremos necessidade de recorrer a prováveis lacunas, nem a interpolações. Cremos que a melhor prova dêsse argumento será estamparmos, lado a lado, os dois textos, o que faremos adiante.

Não obstante Ernout impugnar a reconstituição do arquétipo, por Lachmann, vamos estudar nossa hipótese em relação a ele (1). O arquétipo de Lucrécio, em caracteres capitais, como o *Mediceus* de Virgílio, tinha 26 linhas por página, era escrito dos dois lados, e tinha ao todo 304 páginas. Cada verso constituía uma linha, e os títulos entre os versos ocupavam também uma linha. Dessa forma é fácil fazer-se um cálculo, partindo da hipótese de haver-se perdido uma fôlha do arquétipo, entre os vss. 839 e 840 (2).

Firmando-nos aí (e o mss. Q deixa duas linhas em branco antes do vs. 840, uma para o título e outra, talvez, para um verso perdido), teríamos que o v. 840 iniciaria uma página, a de n. 287 do arquétipo. Daí por diante teremos, em resumo:

pág. 287	— vv.	840 a 863	(mais dois títulos) 26 linhas.
pág. 288 (v)	— vv.	864 a 888	(mais um título) 26 linhas.
pág. 289	— vv.	889 a 913	(mais um título) 26 linhas.
pág. 290 (v)	— vv.	914 a 938	(mais um título) 26 linhas.
pág. 291	— vv.	939 a 964	— 26 linhas.
pág. 292 (v)	— vv.	965 a 992	(os vv. 988 e 989 são rejeitados) 26 linhas.
pág. 293	— vv.	993 a 1.018	— 26 linhas.
pág. 294 (v)	— vv.	1.019 a 1.044	— 26 linhas.
pág. 295	— vv.	1.045 a 1.070	— 26 linhas.
pág. 296 (v)	— vv.	1.071 a 1.095	(mais um título) — 26 linhas.
pág. 297	— vv.	1.096 a 1.121	— 26 linhas.
pág. 298 (v)	— vv.	1.122 a 1.146	(mais um título) — 26 linhas.
pág. 299	— vv.	1.147 a 1.172	— 26 linhas.

(1) Para formularmos a hipótese, vamos basear-nos na reconstituição do arquétipo, ideada por Lachmann, não obstante as objeções postas por L. Duvau, E. Chatelain e A. Ernout. Porque, se o arquétipo não era em capitais, mas em minúsculas irlandesas, todavia o manuscrito devia ter, de modo geral 26 linhas. O próprio Chatelain o diz: "Testimonia solummodo certa sex habemus de archetypi paginis 26 versus continentibus". Mas são seis testemunhos certos, o que já é muito, desde que não possuímos nenhum testemunho certo em contrário, ou seja, de que não eram vinte e seis as linhas de cada página. (Em Chatelain, ap. Ernout, página XVIII).

(2) Caso se não aceite a hipótese de se haver perdido uma página, entre os vs. 839-840 (e Ernout não a aceita), todavia o que parece inegável é que, para estabelecer essa hipótese o verso 840 deve iniciar uma página, o que corrobora, da mesma forma, nossa hipótese, que como tal apresentamos, e não como coisa certa, o que seria quase impossível nos dias que correm.

pág. 30^a (v) — vv. 1.173 a 1.198 — 26 linhas.
pág. 301 — vv. 1.199 a 1.224 — 26 linhas.
pág. 302 (v) — vv. 1.226 a 1.251 — 26 linhas.
pág. 303 — vv. 1.251 a 1.276 — 26 linhas.
pág. 304 (v) — vv. (1.225) 1.277 a 1.286.

Ao chegar, então, ao fim da pág. 301, o copista virou duas páginas, por engano, dando com os olhos no 1º verso da pág. 304, que ele copiou. Ao terminar o verso, notando o erro, voltou a desvirar a página e continuou seu ofício, do v. 1.226 em diante.

Que o copista que reproduziu o arquétipo era descuidado e trabalhava materialmente, sabemos-lo por se acharem fora do lugar as págs. II 757-806, V, 928-971, I 734-785 e II, 253-304 que foram colocadas no fim da obra, e calmamente por ele deixadas aí, prova de que o trabalho era feito mecanicamente, sem perceber o sentido.

Por isso não haverá dificuldade em admitir-se que, distraidamente, confundindo *Inde* com *Illud*, tivesse saltado os vv. 1.249-1.251, que foram colocados mais tarde, ao descobrir seu engano.

Nem tão pouco causará espécie o haver invertido os vv. 1.256-1.258, com os vv. 1.259-1.263, pois em todos eles abundam as iniciais *co* (*corpora*, *confluxit*, *copia*, *confertos*, *corpora*). Ao terminar o 1.255, que se inicia por *corpora*, começou a copiar o 1.256 (*Exanimis*), que ficava logo abaixo do 1.263, que se inicia por *confertos*.

Mais árduo a explicar é como os vv. 1.247-1.248 foram parar do fim ao lugar em que se acham. Mas o antigo 1.245 (*Lanigeras*) também não se achava após o 1.244, e seu lugar não era entre os antigos 1.236 e 1.237? E os comentadores, desde Lambinus, não têm observado incríveis desordens no seguimento dos versos, muitos sem explicação plausível, a não ser a ignorância e a desídia do copista. O próprio fragmento vindobonense termina com o verso 1.284 (ap. Ernout, pg. XV). Basta lêr o que transcrevemos linhas acima, de Munro, e o que diz Ernout na introdução à sua edição de Lucrécio (pág. XII-XIX).

TUCIDIDES (Liv. II, cap., à margem)

(O texto é extraído de "*Thucydidis Historia Belli Peloponnesiaci*" cum nova translatione latina F. Haasi, professoris Academiae Vratislaviensis. Paris. Didot, 1940. — Biblioteca Nacional: IV-126,3,1).

VII — TEXTO DE LUCRÉCIO

Nunc ratio quae si morbis aut unde repente
mortiferam possit cladem conflare coorta
morbida vis hominum generi pecudumque catervis,
expediam. Primum multarum semina rerum
esse supra docui quae sint vitalia nobis,
et contra quae sint morbo mortique necessest
multa volare. Ea cum casu sunt forte coorta
et perturbarunt caelum, fit morbidus aer.
Atque ea vis omnis morborum pestilientiaque
aut extrinsecus ut nubes nebulaeque superne
per caelum veniunt, aut ipsa saepe coorta
de terra surgunt, ubi putorem umida nactast
intempestivis pluviisque et solibus icta.
Nonne vides etiam caeli novitate et aquarum
temptari procul a patria quicumque domoque
adveniunt ideo quia longe discrepant res?
Nam quid Brittannis caelum differre putamus,
et quod in Aegypto est qua mundi claudicat axis,
quidve quod in Ponto est differre et Gadibus atque
usque ad nigra virum percocto saecula colore?
quae cum quattuor inter se diversa videmus
quattuor a ventis et caeli partibus esse,
tum color et facies hominum distare videntur
largiter et morbi generatim saecula tenere.
Est elephas morbus qui propter flumina Nili
gignitur Aegypto in media neque praeterea usquam.
Attidae temptantur gressus oculique in Achaeis
finibus. Inde aliis alius locus est inimicus
partibus ac membris: varius concinnat id aer.
Proinde ubi se caelum quod nobis forte alienum
commovet atque aer inimicus serpere coepit,
ut nebula ac nubes paulatim repit, et omne
qua graditur conturbat et immutare coactat;
fit quoque ut, in nostrum cum venit denique caelum,
corrumpat reddatque sui simile atque alienum.
Haec igitur subito clades nova pestilientiaque
aut in aquas cadit aut fruges persidit in ipsas
aut alios hominum pastus pecudumque cibatus,
aut etiam suspensa manet vis aere in ipso;
et, cum spirantes mixtas hinc ducimus auras,
illa quoque in corpus pariter sorbere necessest.
Consimili ratione venit bubus quoque saepe
pestilientia et iam, pigris balantibus aegror.

48. 1) *Primum autem hic morbus, ut fertur, initium duxit ex Aethiopia, quae est supra Aegyptum; deinde vero et in Aegyptum et Lybiam descendit, et in magnam partem regionis regis (Persarum). 2). In Atheniensium autem civitatem de repente incidit, et primum in Pyraeeo homines temptavit; ita*

ut ab his etiam rumor disseminatus sit, venena a Peloponnesiis in puteos delecta esse; fontes, enim, nondum erant illic. Deinde vero, et in superiorem urbem processit, et iam longe plures moriebantur. 3) Pronunciet, autem, de eo, ut quisque sentit, tam artis medicae peritus quam imperitus, unde verisimile videatur eum exstitisse, et causas quas putet tantae mutationes esse idoneas, ut vim ad rerum conversionem habuerint. Ego vero et cuiusmodi fuerit, dicam, et ea, quae sibi quisque proponens, si quando rursus etiam hic morbus ingruat, iam praedoctus aliquid habeat, ex quo praecipue eum cognoscat, haec declarabo, qui et ipse hoc morbo laboravi, et alios eo laborantes ipse vidi.

49. 1) *Nam annus quidem ille, ut vel omnium confessione constabat, ex omnibus maxime fluit immunis ab aliis morbis; quod si quis et ante aliquo morbo laborabat, omnes hi morbi in istum convertebantur. 2) Ceteros, vero, ex nulla manifesta causa, sed ex improvise, quam sani forent, primum quidem acres capitis fervores et oculorum rubores et inflammatio corripiebat,*

et interiora, guttur et lingua, continuo cruenta erant,

et halitum tetrum, et grave olentem emittebant.

3) *Deinde, vero, ex his sternutatio et raucitas sequebatur; neque multo post in pectus descendebat hoc malum cum vehementi tussi. Ubi vero in corde haesisset, et hoc ipsum subvertebat, et omnes bilis eiectiones, quotquot a medicis nominatae sunt, sequebantur,*

et ipsae cum ingenti cruciatu.

4) *Singultusque plerisque incidebat inanis, vehementem afferens convulsionem in aliis quidem statim cessantem, in nonnullis multo serius.*

5) *Et corpus quidem exterius, tangenti non erat admodum calidum, neque pallidum, sed subrubrum, lividum.*

parvis pustulis. et ulceribus efflorescens;

interiora vero ita flagrabat, ut neque tenuissimorum vestimentorum aut linteorum iniectioes sustinerent, neque aliud quippiam praeter nuditatem;

Nec refert utrum nos in loca deveniamus
nobis adversa et caeli mutemus amictum,
an caelum nobis ultro natura *alienum* 1.135
deferat aut aliquid quo non consuevimus uti,
quod nos adventu possit temptare recenti.

Haec ratio quondam morborum et mortifer aestus
finibus in Cecropis funestos reddidit agros
vastavitque vias, exhaust civibus urbem. 1.140
Nam penitus veniens Aegypti finibus ortus,
aera permensus multum camposque natantis,
incubuit tandem populo Pandionis omni.
Inde catervatim morbo mortique dabantur.

Principio caput incensum fervore gerebant 1.145
et duplilis oculos suffusa luce rubentes.

Eudabant etiam fauces intrinsecus atrae
sanguine, et ulceribus vocis via saepta coibat,
atque animi interpret manabat lingua cruore
debilitata malis, motu gravis, aspera tactu. 1.150

(1.164) Spiritus ore foras taetrumolvebat odorem

(1.165) rancida quo perolent proiecta cadavera ritu.

(1.161) Inde ubi per fauces pectus complerat, et ipsum

(1.162) morbida vis in cor maestum confluxerat aegris

(1.163) omnia tum vero vitae claustra lababant. 1.155

Atque animi prorsum vires totius et omne
languibat corpus leti iam limine in ipso.
Intolerabilibusque malis erat anxius angor
adaidue comes et gemitu commixta querela.

Singultusque frequens noctem per saepe diemque 1.160
corripere adsidue nervos et membra coactans
dissolvebat eos, defessos ante, fatigans.

Nec nimio cuiquam posses ardore tueri
corpora in summo summam fervere partem,
sed potius tepidum manibus proponere tactum, 1.165
et simul ulceribus quasi inustis omne rubere

corpus, ut est per membra sacer dum diditur ignis.

Intima pars hominum vero flagrabat ad ossa,
flagrabat stomacho flamma ut fornacibus intus.
Nil adeo posses cuiquam leve tenveque membris 1.170
vertere in utilitatem, at ventum et frigora semper.

et libentissime in aquas gelidas se conicerent. Et multi eorum, qui neglecti erant, hoc ipsum etiam fecerunt,
et in puteos se deiecerunt

siti insedabili subacti;

et largior potus, perinde, erat ac parcior.

6) Et corporis vexatio, quae quiescendi facultatem adimebat.

(c. 47: "Neque enim in medicis auxilium erat tunc primum ei medentibus ignorantia").

et insomnia eos urgebant.

Corpus etiam, quamdiu morbus vigeat, non languebat, sed praeter opinionem cruciatui resistebat, ut plerique intra nonum aut etiam septimum diem propter internum ardorem interirent, aliquid virium adhuc retinentes, aut si mortem effugissent, tamen, quia morbus in ventrem inferiorem descendebat, et exulceratio vehemens in ipso nascebatur, simul etiam quia immoderatum alvi profluvium invadebat, plerique postea propter hoc debilitate perirent.

7) Pervadebat enim malum cum primas in capite sedes collocasset, per totum corpus, initio a summis partibus ducto,

et si quis ex maximis periculis evasisset, extrema tamen corporis partes mali vis apprehendens se prodebat; 8) nam in ipsa quoque pudenda, et in summas manus summosque pedes prorumpebat, multisque his membris capti mortem effugiebant, nonnulli etiam oculis privati.

Alios etiam, simul atque ex morbo convalescerent, statim omnium rerum oblivio pariter cepit, ita ut neque se ipsos, neque necessarios agnoscerent.

50. 1) Cum enim hoc morbi genus multo fuerit atrocius, quam quod oratione posset exprimi, et aliis in rebus gravius, quam ut humana natura ferret possit, singulos invasit, et hoc maxime declaravit, se aliud esse, quam aliquod familiarium;

alites enim et quadrupedes, quotquot humanis cadaveribus vescuntur, cum multa iacerent insepulta, aut non accedebant, aut si gustassent,

interibant.

- In fluvios partim gelidos ardentia morbo
membra dabant nudum iacentes corpus in undas.
- Multi praecipites lymphis putealibus alte
inciderunt ipso venientes ore patente: 1.175
- Insedabiliter sitis arida, corpora mersans,
aequabat multum parvis umoribus imbrem.
- Nec requies erat ulla mali; defessa iacebant
corpora. Mussabat tacito medicina timore,
quippe patentia cum totiens ardentia morbis 1.180
- lumina versarent oculorum expertia somno.
- Multaque praeterea mortis tum signa dabantur:
perturbata animi mens in maerore metuque,
triste supercilium, furiosus voltus et acer,
solicitae porro plenaeque sonoribus aures, 1.185
- creber spiritus aut ingens raroque coortus,
audorisque madens per collum splendidus umor,
tenvia sputa minuta, croci contacta colore
salsaque, per fauces raucas vix edita tussi.
- In manibus vero nervi trahere et tremere artus; 1.190
- a pedibusque minutatim succedere frigus
non dubitabat. Item ad supremum denique tempus
compressae nares, nasi primoris acumen
tenve, cavati oculi, cava tempora, frigida pellis
- duraque, in ore iacens rictum, frons tenta manebat. 1.195
- Nec nimio rigidi post artus morte iacebant.
- Octavoque fere candenti lumine solis
aut etiam nona reddebant lampade vitam.
- Quorum si quis, ut est, vitarat funera leti,
ulceribus taetris et nigra proluvie alvi 1.200
- posterius tamen hunc tabes letumque manebat,
aut etiam multus capitis cum saepe dolore
corruptus sanguis expletis naribus ibat:
huc hominis totae vires corpusque fluebat.
- Profluvium porro qui taetri sanguinis acre 1.205
- exierat, tamen in nervos huc morbus et artus
- ibat et in partis genitalis corporis ipsas.
- Est graviter partim metuentes limina leti
vivebant ferro privati parte virili,
et manibus sine nonnulli pedibusque manebant 1.210
- in vita tamen, et perdebant lumina partim;
usque adeo mortis metus hic incesserat acer.
- Atque etiam quosdam cepere obliviam rerum
eunectarum, neque se possent cognoscere ut ipsi.
- Multaque humi cum inhumata iacerent corpora supra 1.215
- corporibus, tamen alituū genus atque ferarum
aut procul absilliebat, ut acrem exiret odorem,
aut, ubi gustarat, languebat morte propinqua.

2) *Argumento, autem, hoc est, quod huiusmodi avium manifestus fuit defectus; nec circum ulla huiusmodi cadavera*

visabantur; canes, vero, propter consuetudinem, quam cum hominibus habent, maiorem eventus significationem dabant.

51. 1) *Hic igitur morbus, ut omittam multa alia inusitatae atrocitatis, prout unicuique aliquid accidebat, diversum ab eo, quod alteri contingebat, omnino specie talis fuit. Et aliud id temporis nullum ex consuetis malis homines infestabat; si quod autem exoreretur, in hoc desinebat.*

2) *Moriebantur, autem, alii per incuriam, alii vero vel diligentissime curati. Nec ullum prorsus dixerim unum remedium exstitit, quod adhibitum prodesset; quod enim alteri profuerat,*

hoc ipsum alteri nocebat.

3) *Et corpus nullum repertum est, quod, sive firmae sive infirmae valetudinis esset, tanti mali violentiae resistere possit, sed omnia pariter, et omni victus ratione utentia corripiebatur.*

4) *Illud vero in toto hoc malo gravissimum erat, tum quod, ac quis se morbum correptum sensisset,*

animo consternaretur (statim enim animo ad salutem desperationem conversi, multo magis se ipsos proiciebant, neque resistebant), tum, etiam,

quod alter ex alterius curatione infecti, tamquam pecudes morerentur.

Atque haec fuit maxima stragis causa.

5) *Sive enim noluisent, ob metum,*

mutuo se invisere, deserti interibant, multaeque domus propter inopiam hominum qui aegrotos curarent, exhaustae sunt;

sive alteri ad alteros adissent, interibant, et praecipue qui virtutis laudem sibi vindicabant, pudorem enim sibi ipsis non parcebant, ad amicos intrantes siquidem vel ipsi domestici tandem lamentationes de iis qui moriebantur, defatigati mittebant, mali violentia superati. 6) Illi, tamen, qui evaserat, et eum qui moriebatur, et eum qui laborabat, magis miserabantur, tum quod hoc malum prius experti cognoscerent, tum etiam quod ipsi in tuto iam essent; bis, enim, eundem non corripiebat morbus, ita ut eum etiam interimeret. Et ad alii beati censebantur, ipsique propter praesentem salutis in superatae laetitiam exultantes quandam etiam in futurum levem spem habebant, se ne alio quidem morbo amplius unquam absumptum iri.

52. 1) *Pressit eos autem magis etiam praeter laborem, quo iam vexabantur, ipsa quoque ex agris in urbem commigratio, et praecipue quidem eos qui accesserant.*

2) *Cum enim aedes non suppeterent, sed in tuguriolis aestuosis ob anni tempus habitarent,*

Nec tamen omnino temere illis solibus ulla
comparebat avis, nec tristia saecula ferarum
exibant silvis. Languebant pleraque morbo

1.220

et moriebantur. Cum primis fida canum vis
atrata viis animam ponebat in omnibus aegre;
extorquebat enim vitam vis morbida membris.

(1.126) Nec ratio remedi communis certa dabatur;
(1.227) nam quod ali dederat vitalis aeris auras
(1.228) volvere in ore licere et caeli templa tueri
(1.229) hoc aliis erat exitio letumque parabat.

1.225

(1.249) Inde bonam partem in lectum maerore dabantur
(1.250) nec poterat quisquam reperiri, quem neque morbus
(1.251) nec mors, nec luctus, temptaret tempore tali.

1.230

(1.230) Illud in his rebus miserandum magnopere unum
(1.231) aerumnabile erat, quod ubi se quisque videbat
(1.232) implicitum morbo, morti damnatus ut esset

(1.233) deficiens animo maestus cum corde iacebat
(1.234) funera respectans animam amittebat ibidem.

1.235

(1.235) Quippe etenim nullo cessabant tempore apisci
(1.236) ex aliis alios avidi contagia morbi,
(1.237) lanigerae tamquam pecudes et bucera saecula.

(1.238) Idque vel in primis cumulabat funere funus.

1.240

(1.239) Nam quicumque suos fugitabant visere ad aegros,
(1.240) vitali nimium cupidos mortisque timentis
(1.241) poenibat paulo post turpi morte malaque,
(1.242) desertos, opis expertis, incuria mactans.

(1.243) Qui fuerant autem praesto, contagibus ibant
(1.244) atque labore, pudor quem tum cogebat obire
(1.245) blandaque lassorum vox, mixta voce querelae.
(1.246) Optimus hoc leti genus ergo quisque subibat

1.245

1.247 ?
1.248 ?

(1.253) Praeterea iam pastor et armentarius omnis
(1.254) et robustus item curvi moderator aratri
(1.255) languebat, penitusque casa contrusa iacebant
(1.256) corpora paupertate et morbo dedita morti.

1.250

(1.259) Nec minimam partem ex agris is maeror in urbem
(1.260) confluit, languens quem contulit agricolarum
(1.261) copia conveniens ex omni morbida parte.

1.255

(1.262) Omnia complebant loca tectaque: quo magis aestu
(1.263) confectos ita adervatim mors accumulabat.

strages edebatur nullo ordine,
sed etiam mortui alii super alios qui peribant iacebant,

et in viis volutabantur,
et circa fontes omnes semimortui
aquae desiderio.

3) Et templa, in quibus tabernacula habitandi causa fecerant, cada-
veribus erant referta eorum, qui

ibi moriebantur;

malī enim violentia supra modum urgente, homines non habentes, quid se
fieret publica, privataque sacra pariter negligere coeperunt.

4) Omnesque leges, quibus ante
in sepultura utebantur,

sunt conturbatae,

et sepeliebant ut quisque poterat.

Multique ad impudentia sepulcra se converterunt, cum iusta deficerent
propter multitudinem eorum, qui sibi ex suis iam ante mortui erant;
in alienos enim rogos,
antevertentes illos, qui eos exstruxerant, alii mortuum suum imponebant,
igneque subiecto accendebant, alii vero dum alterius cadaver arderet,
suo cadavere, quod ipsi ferebant,
superiecto, discedebant.

- (1.256) Exanimis pueris super exanimata parentum
 (1.257) corpora nonnumquam posses retroque videre
 (1.258) matribus et patribus natos super edere vitam. 1.260
 (1.264) Multa siti prostrata viam per proque voluta
 (1.265) corpora silanos ad aquarum strata iacebant
 (1.266) interclusa anima nimia ab dulcedine aquarum;
 (1.267) multaque per populi passim loca prompta viasque
 (1.268) languida semanimo cum corpore membra videres 1.265
 (1.269) horrida paedore et pannis cooperta perire
 (1.270) corporis inlue, pellis super ossibus una
 (1.271) ulceribus taetris prope iam sordique sepulta.
 (1.272) Omnia denique sancta deum delubra repleat
 (1.273) corporibus mors exanimis onerataque passim
 (1.274) cuncta cadaveribus caelestum templa manebant, 1.270
 (1.275) hospitibus loca quae complerant aedituentes.
 (1.276) Nec iam religio divom nec numina magni
 (1.277) pendebantur enim: praesens dolor exsuperabat.
 (1.278) Nec mos ille sepulturae remanebat in urbe
 (1.279) quo plus hic populus semper consverat humari: 1.275
 (1.286) incomitata rapi certabant funera vasta,
 (1.280) perturbatus enim totus trepidabat, et unus
 (1.281) quisque suum pro re consortem maestus humabat.
 (1.282) Multaque vis subita et paupertas horrida svasit:
 (1.283) namque suos consanguineos aliena rogorum 1.280
 (1.284) insuper exstructa ingenti clamore locabant,
 (1.285) subdebantque faces, multo cum sanguine saepe
 (1.286) rixantes potius quam corpora desererentur,
 (1.287) cumque allis alii, populum sepelire suorum
 (1.288) certantes, lacrimis lassi luctuque redibant. 1.285

VIII — TRADUÇÃO

(1.090) Explicarei agora qual seja a causa das doenças ou donde surja repentinamente uma doença infecciosa, que possa espalhar uma destruição mortal no gênero humano e nos rebanhos.

Primeiramente, já o ensinei mais acima, há germes de muitas coisas que para nós são vitais (1.095) e, ao revés, muitos outros germes de doenças e morte — é inevitável — estão suspensos no ar.

Quando, por acaso, êsses germes se levantam, perturbam a atmosfera e o ar fica infectado. E tôda essa infecção de doenças e a peste, ou (1.100) chegam de fora, do alto, como nuvens ou névoas, pela atmosfera, ou, muitas vêzes, surgem da própria terra que, úmida, e ferida por chuvas e por soalheiras irregulares, produz a decomposição.

Não vêes também que os que partem para longe de casa e da pátria sofrem pela novidade do clima e das águas, e isto justamente porque o ambiente difere totalmente?

(1.105) Na verdade, por que julgamos diferir o clima da Britânia do que encontramos no Egito (onde se inclina o eixo do mundo), e também diferir o clima do Ponto daquêle que, de Gades, vai até as raças negras dos homens de côr queimada? (1.110) Não só vemos essas quatro regiões serem diversas entre si, pelos quatro ventos e pelas quatro partes do céu, como ainda parecem diferenciar-se grandemente a côr e a face dos homens, que têm, de acôrdo com suas raças, gêneros diferentes de doenças. Há a elefantíase, que aparece no centro do Egito, ao longo do rio Nilo, e jamais em outros lugares. (1.115) Na Ática são molestados os pés, os olhos nas fronteiras da Acácia. Assim, outros lugares são prejudiciais a outras partes e membros do corpo: o clima diverso provoca isso.

Daí, quando um clima, que talvez nos seja estranho (1.120) se movimenta e um ar prejudicial começa a circular e se insinua pouco a pouco como neblina e nuvens, não só perturba tudo, por ondê passa, como força tudo a mudar; acontece também que, quando finalmente chega a nosso clima, o corrompe e o torna estranho a nós e semelhante a si.

(1.125) Repentinamente, então, essa desgraça, essa peste nova, ou cai nas águas, ou se fixa nas próprias messes, ou nos outros alimentos dos homens e nos pastos dos animais, ou ainda permanece essa força suspensa no próprio ar; e quando, ao respirarmos, absorvemos deles as auras contaminadas (1.130) é inevitável que ela também seja igualmente introduzida em nosso corpo.

Da mesma maneira chega também frequentemente a peste aos bois e a doença aos indolentes ovinos.

Não importa se somos nós que nos transportamos a lugares a nós adversos e afastamos a proteção de nosso clima, (1.135) ou se é a natureza que nos traz espontaneamente um clima estranho ou algo que não costumamos usar e que possa molestar-nos com sua recente chegada.

Esse gênero de doenças, essa agitação mortífera do ar, é que outrora, nas regiões de Cecrops, tornou funestos os campos, (1.140) devastou as es

tradas, esvaziou a cidade de homens. Pois, vindo das regiões mais profundas do Egito, onde nasceu — tendo medido muitos ares e campos líquidos — abateu-se enfim sobre todo o povo de Atenas. Por isso, eram todos, aos montões, entregues à doença e à morte.

(1.145) No princípio tinham a cabeça escaldante pela febre e os dois olhos injetados, (com a visão perturbada) pelo brilho de um derrame sanguíneo. As fauces enegrecidas também distilavam internamente um suor sanguineo e as paredes da garganta cerrada pelas úlceras, se obturavam, e gotejava sangue a intérprete da alma, a língua (1.150) debilitada pelos males, pesada a mover-se, áspera ao tato. Pela boca, o hálito lançava fora um fedor pútrido, como fedem os cadáveres em decomposição lançados ao abandono.

Depois, quando o mal infeccioso, pela garganta, enchêra o peito e afluía para o próprio coração desanimado do doente (1.155) então ruíam todas as barreiras da vida. E, daí por diante, se enfraquecia a resistência de qualquer coragem e todo o corpo, já no próprio limiar da morte.

Uma ânsia angustiosa acompanhava constantemente êsses males intoleráveis, e queixas misturadas a gemidos. (1.160) E um soluço frequente, constante dia e noite, forçando sem tréguas os nervos e os membros a contrair-se, os aniquilava, esgotando suas últimas forças.

Em nenhum doente poderias observar demasiada febre, nem a parte externa arder na superfície do corpo, (1.165) mas antes oferecia às mãos um tato tépido; e entretanto todo o corpo estava vermelho, quase ulcerado de queimaduras, como acontece quando o fogo sagrado se espalha pelos membros.

A parte interna dos homens, porém, queimava até os ossos, e ardia uma chama no estômago, como dentro de uma fornalha. (1.170) Tanto que nada, por leve e fino que fôsse, poderias trazer para cobrir os membros de qualquer um dêles mas sempre buscavam o vento e o frio. Alguns lançavam seus corpos ardentes pela doença aos rios gelados, mergulhando nas ondas o corpo nú. Muitos caíram, de cabeça, nas águas dos poços profundos (1.175) quando se debruçavam com a boca aberta: uma sede insaciável, que fazia os corpos mergulharem, não distinguia entre pequenos goles e grandes golfadas.

E não havia nenhum descanso para o mal. Os corpos faziam esgotados.

De mudo temôr, a medicina balbuciava apenas, (1.180) enquanto (os doentes) voltavam sem cessar para ela os olhos arregalados, injetados pela doença, excitados pela insônia.

Além disso, muitos sinais da morte eram então dados: o espírito perturbado pela tristeza e pelo mêdo, a fronte sombria, o semblante furioso e acôrdo, (1.185) os ouvidos sempre aguçados e cheios de zumbidos, a respiração curta e frequente ou profunda e rara, uma transpiração gordurosa de suor amedecendo o pescoço, cuspos pequenos, raros, tingidos com a côr do sangue e salgados, expelidos a custo, com tosse, pela garganta rouca. (1.190) Nas mãos contraíam-se os nervos, tremiam os membros; o frio não hesitava em subir, aos poucos, dos pés. Da mesma forma, afinal, nos últimos instantes, as narinas emagrecidas, a extrema ponta do nariz afilada, os olhos fundos, as têmporas cavadas, a pele fria (1.195) e dura, na boca um espasmo constante, a fronte permanecia úmida. E, não muito depois, os membros jaziam enrijecidos pela morte. Quase sempre na oitava luz do sol cadente ou mesmo na nona jornada exalavam a vida.

Se algum dêles, como acontecia, evitara os funerais da morte, (1.200) mais tarde, porém, a consunção e a morte o esperavam entre úlceras pútridas e negra sultura do ventre; ou ainda, frequentemente com dôr de cabeça, muito sangue corrompido saía das narinas engorgitadas: por aí se esgotavam todas as energias, toda a substância do homem.

(1.205) Todavia, se alguém escapava ao terrível fluxo de pútrido sangue, a doença ia-lhe aos nervos, às articulações e às próprias partes genitais do corpo. E alguns, temendo gravemente o limiar da morte, cortavam, com ferro, para viver, suas partes viris, (1.210) outros permaneciam vivos, mas

sem mãos e sem pés, e outros perdiam os olhos: até êsse ponto os dominara o medo agudo da morte.

E ainda o esquecimento de tôdas as coisas atacou alguns, nem se reconheciam mais a si mesmos.

(1.215) E não obstante jazessem no chão, insepultos, muitos corpos, empilhados uns sobre outros, todavia os bandos de pássaros e de feras ou se afastavam para longe, para evitar o cheiro corrupto, ou, se acaso haviam provado, enlanguesciam em morte rápida. E não entanto, naqueles dias, nenhuma (1.220) ave absolutamente aparecia, temerariamente, nem sequer as acabrunhadas catervas de feras saíam dos bosques. A maior parte era atacada pela doença e morria. Em primeiro lugar, a fiel raça dos cães exalava o espírito penosamente em tôdas as estradas; com efeito, a violenta doença tirava a vida a seus membros.

(1.225) E não se dava uma norma de remédio comum; pois o que a um permitira poder voltar aos pulmões as auras do ar vital e ver os templos do céu, isso era letal a outros e apressava a morte.

Daí grande parte ser levada ao leito pela tristeza, (1.230) e não se podia achar ninguém que não tivesse sido atacado, nessa época, ou pela doença, ou pela morte, ou pelo luto.

De lastimar, nessas coisas, e extremamente penoso, era que, logo que alguém se via implicado na doença, como se tivesse sido condenado à morte, (1.235) perdendo a coragem, ficava com o coração tão triste ao antever seus funerais, que aí mesmo perdia a vida. Pois, com efeito, os contágios do ávido mal não cessavam, tempo algum, de passar de uns a outros, como em rebanhos de ovelhas ou gado bovino. (1.240) E isso, principalmente, acrescentava mais mortes às mortes.

Pois aqueles que evitavam visitar seus doentes, pouco tempo depois (a doença) punia com morte má e vergonhosa êsses demais ciosos da vida e medrosos da morte, sacrificando-os pelo abandono, sôzinhos, privados de socorro. (1.245) Os que, todavia, tinham sido pressurosos, iam-se pelo contágio e pela fadiga, que a piedade e a débil voz dos cansados, misturada com os gemidos dos queixumes, obrigavam a afrontar. Por isso as pessoas melhores eram atingidas por êsse contágio mortal.

Além disso, todos os pastores e guardiães de rebanhos (1.250) e os robustos guias do arado curvo também eram atacados, e, no fundo das choças, em pilhas, jaziam os corpos entregues à morte pela pobreza e pela doença.

E em grande parte essa aflicção confluía dos campos para a cidade, e a trouxe (1.255) a multidão contagiada e enfraquecida dos lavradores, chegando de todos os lados. Eles enchiam todos os lugares e abrigos: pelo que, assim apertados, com mais ardor a morte os amontoava em rumas.

E por vêzes poderias ver corpos inanimados de pais sobre inanimados filhos, e ao revés (1.260) os filhos perderem a vida nos braços de suas mães e de seus pais.

Muitos corpos jaziam prostrados pela sede nas ruas, emborcados e estirados perto das fontes públicas, a respiração sufocada pela demasiada duração das águas; verias ainda muitos caídos nos lugares públicos e nas ruas, (1.265) os membros lânguidos, com o corpo semi-morto, horríveis de sujeira e cobertos de trapos, perecerem nessa imundície do corpo; só a pele sobre os ossos, já sepultada quase sob úlceras repelentes e sob uma crosta de sujo.

E finalmente tôdas as santas capelas dos deuses enchera (1.270) a morte de corpos sem vida, e todos os templos das divindades, lugares que os porteiros tinham testado de hóspedes, permaneciam juncados, cá e lá, de cadáveres.

Com efeito, já nem a religião nem o poder dos deuses eram considerados grande coisa: a dor presente excedia tudo. (1.275) Não havia mais na cidade aquêlê costume de funerais, com o qual êsse piedoso povo sempre

costumara sepultar: procuravam apressar os enterros toscos e sem acompanhamento; de fato, cada um, perturbado, se alvorotava e inumava, triste, seu companheiro, de acôrdo com a circunstância.

(1280) A súbita violência do mal e a pobreza a muita coisa horrível os levaram: pois lançavam com grandes gritos os seus consanguíneos sôbre as altas fogueiras já construídas, e por baixo colocavam tochas, lutando frequentemente com muito sangue, antes que abandonar os corpos; (1.285) e porfiando uns com os outros, ao enterrar o grande número de seus mortos, regressavam cansados pelas lágrimas e pela tristeza.

IX — COMENTÁRIOS

Vv. 1.090-1.093 — Após haver falado longamente acêrca do imã, Lucrécio faz pequeno prólogo, explicando que mudará de assunto, e dizendo qual será o argumento com que procurará entreter seu leitor e amigo particular Mêmio, sempre defendendo sua tese.

morbis — dativus finalis, geralmente usado com o verbo *esse*. Indica o fim da ação, ou a intenção.

mortiferam — por ser composta de *fero*, pede dativo, representado por *generi* e *catervis*.

Vv. 1.093-1.097 — O poeta recapitula, agora, de modo geral, a doutrina que já explanou em versos anteriores, ou seja, que pairam no ar pequenas particulas (*semina*) benéficas ou maléficas, a que hoje chamaríamos micróbios ou miasmas. E que estes infeccionam o ambiente, causando grandes e graves enfermidades.

Eis os versos a que se refere:

"Nunc aliis aliis qui sit cibus ut videamus
(lacuna)

expediam, quareve, aliis quod triste et amarumst,
hoc tamen esse aliis possit perdulce videri;
tantaque in his rebus distantia differitasque est
ut quod ali cibus est aliis fuit acre venenum". (IV, 633-637) e os
outros que se seguem.

"Quippe videre licet pinguescere saepe cicuta
barbigeras pecudes, homini quae est acre venenum". (V, 899-900).

"Principio hoc dico, quod dixi saepe quoque ante,
in terra cuiusque modi rerum esse figuras;
multa, cibo quae sunt, vitalia, multaque, morbos
incutere et mortem quae possint adcelerare.
Et magis esse aliis alias animantibus aptas
res ad vitae rationem ostendimus ante
propter dissimilem naturam dissimilisque
texturas inter sese primasque figuras" (VI, 769-776) e outros seguintes.

nobis — dativo de fim (de serviço), ou melhor, pessoal (de posse), com o 2º elemento em nominativo: *quae sunt vitalia nobis*.

Essa construção é usada por Lucrécio ainda em VI, 771: *multa, quae sunt cibo, vitalia*. Logo abaixo, aparece a construção com dois dativos, um de posse (pessoal) outro de fim (de coisa), quase sempre, ou sempre, substantivos abstratos no singular: *quae sint (nobis) morbo mortique*. Cfr. abaixo, 1.228: *hoc aliis erat exitio*.

Cfr. a liberdade de construções, por ex., em Virgílio: "mox erat hoc ipsam exitio" (Georg. III, 511); "idem amor exitium est pecori pecorisque magistro" (Ecl. III, 101), ao lado de: "populo ludorum magnificentia voluptati est" (Cic. Mur. 19.38).

Vv. 1.098-1.102 — Passa a explicar que a peste, bem como outras espécies de doenças, pode chegar de fora; ou melhor, que os "*semina*" das moléstias tóxicas, germes ou miasmas, podem chegar-nos trazidos pelas nuvens ou neblinas, ou ainda podem provir da própria terra, úmida pelas chuvas, ou batida pelo sol inclemente, o que favorece a proliferação dos "*semina*".

pestilens — é uma palavra criada por Lucrécio, ou ao menos por ele usada pela primeira vez; *pestilentia* não corresponde às exigências da métrica. Essa nova palavra volta nos vv. 1.125 e 1.132.

extrinsecus — no códice Q (B), e na Ald. I; os mss. A (O) e Nicc. têm *intrinsecus*.

Comparem-se os vv. 1.099-1.101, com:

"morbida visque simul, cum extrinsecus insinuat
et tempestates terra caeloque coortae,
in caelum terrasque remotae iure facessunt;
quandoquidem nil est nisi raro corpore nexum". (VI, 955-958).

e ainda com:

ventus ubi atque animae subito vis maxima quaedam
aut extrinsecus aut ipsa tellure coorta..." (VI, 578-579).

úmida — adjetivo, refere-se a *terra* em concordância lógica; mas está em nominativo, como sujeito de *nacta'st*. Icta tem a mesma concordância.

putorem — Lambino afirma que se deve ler *putrorem*. Mas o próprio Lucrécio emprega alhures a mesma palavra, aplicando-a sempre à terra decomposta pelas chuvas:

"Quippe videre licet vivos existere vermes
stercore de taetro, *putorem* cum sibi nacta est
intempestivis ex imbribus umida tellus" (II, 871-873).

"Quarum nil rerum in lignis glaebisque videmus;
et tamen haec, cum sunt quasi putrefacta per imbres,
vermiculos pariunt..." (II, 897-8).

"..... vermisque effervere, terram
intempestivos quom *putor* cepit ob imbris,
aere licet gigni posse ex non sensibu' sensus" (II, 928-30).

Varrão (De Ling. Lat., V. 25) diz *putor* significar *putidus* odor, vindo seu significado de *puteus*, poço, água empoçada, donde passou a exprimir, com a mesma raiz, *puteo*, *putui*, *putere*, feder, ter mau cheiro.

Vv. 1.108-1.109 — O céu, diferente nas diversas regiões, bem como a água, podem provocar distúrbios nos homens que de uma a outra se transferem. Como exemplo cita os quatro pontos extremos da terra então conhecidos: a Inglaterra ao norte, o Egito ao Sul, Gades (Espanha) a oeste e o Ponto a leste.

temptari — Munro (Pág. 668) chama a atenção de que *temptari* é a palavra técnica para exprimir o ataque de uma enfermidade, e é usada ainda nos versos 1.116 e 1.137, com o mesmo sentido.

a patria... domoque — observe-se a preposição *a* diante de *patria*, e a sentença diante de *domo*, ablativos pedidos pelo advérbio *procul*, e não pelo verbo *adveniunt*.

claudicat — tem o sentido de inclinar-se, sair do vertical, como bem se depreende do seguinte:

“et libella aliqua si ex parte claudicat hilum
omnia mendose fieri atque obstipa necesse est” (IV, 515).

Falando dos navios que se inclinam no “jôgo” das ondas, diz ainda:

“at maris ignaris in portu clauda videntur
navigia aplustris fractis obnitier undae” (IV, 436)

colore — conforme os códices Flor. 31, e Vat. 640, e não *calore* (O e Q.)
Cfr.: “Inter nigra virum percuncto saecula colore” (VI, 722).

Vv. 1.110-1.118 — O ar diverso provoca até diferença nos rostos humanos, e provoca doenças especiais a cada lugar, que não afetam os homens em outras regiões: assim a elefantíase no Egito, a podagra ou gota em Atenas, as oftalmítes na Acáia.

quattuor a ventis — Lambinus explica quais são os quatro ventos: “Britanni ab Aquilone et a septentrionibus, Aegyptij a meridie et Austro; Pontici a subsolano seu Euro et Oriente, Gaditani a Favonio et Occidente” (Pág. 544). O significado, porém, é “de todos os lados”.

propter — está no sentido de “ao longo de”.

in media — Aegyptus é palavra do gênero feminino: no Egito central.

Vv. 1.119-1.124 — O ar, circulando como névoa ou nuvem, arrasta os germes, levando-os para outras regiões, perturbando e corrompendo o ar do lugar aonde chega.

coactat — (e no v. 1.161: *coactans*), verbo frequentativo, composto de *cogo*, e só empregado, ao que se saiba, por Lucrécio.

Vv. 1.125-1.132 — Os miasmas, trazidos pelo ar, caem e envenenam as águas, as verduras, legumes e cereais, alimentos de homens e animais, e além disso ficam suspensos no ar, que respiramos, ingerindo os micróbios; e por isso também as doenças atingem os bichos.

hominum pastus, pecudumque cibatus — observe-se o interessantíssimo quiasma, pois seria mais natural: *pecudum pastus, hominumque cibatus*.

pigris balantibus — nos mss. Cfr. Enn., Ann. 169, e no próprio Lucrécio: *balantum pecudes* (II, 369). Onde Lambino ter substituído a expressão por *pecubus* ou *pecuis balantibus*.

Vv. 1.133-1.137 — Pouco importa, pois, que nós mudemos de ar, ou que o ar viciado chegue até nós: sempre estaremos sujeitos a essas doenças imprevistas.

utrum...an — interrogação indireta, com verbo no subjuntivo. O *aut*, logo abaixo, não é a terceira parte da interrogação indireta, como poderia parecer à primeira vista, mas um disjuntivo entre os dois objetos diretos de *deferat*: *caelum... aut aliquid*.

alienum — proposta de Bentley, de acôrdo com os vv. 1.119 e 1.124, em lugar do que se acha nos mss. O e Q: *corruptum*, que se supõe ter sido

uma glosa lateral. Lambino prefere *cruentum*, apoiado em Turnebo e Aurato; Isidoro Colombinus (apud Lamb.) prefere *inimicum*; Lachmann quer *coortum*; Virgílio aceita e escreve: *coru(m)ptum*.

adventu recenti — causal.

Vv. 1.138-1.140 — Inicia Lucrécio a descrição da peste de Atenas, descrevendo que, segundo Munro, é *poderosa* e *patética*, mas que "he has plainly left in an unfinished state" (pág. 669).

Linha acima, porém, diz o comentador inglês que Lucrécio, "more than once misapprehends or misinterprets" as palavras de Tucídides, o que acrescentamos algo forte, se tivermos em vista que, naquela época, o grego era de uso corrente entre os romanos, e que todo o poema de Lucrécio é baseado em textos filosóficos gregos, que não estavam traduzidos em latim, só podendo ser lidos no original. Tanto que Lucrécio se queixa da dificuldade em que se encontra para representar em língua latina, ainda pobre, as idéias gregas:

"Nec me animi fallit Graiorum obscura reperta
difficile inlustrare latinis versibus esse,
multa novis verbis praesertim cum sit agendum,
propter egestatem linguae et rerum novitatem" (I, 136-139).

e ainda:

"Nunc et Anaxagorae scrutemur homoeomérian,
quam Grai memorant, nec nostra dicere lingua
concedit nobis patrii sermonis egestas" (I, 830-832).

e mais:

"Nunc ea quo pacto inter sese mixta, quibusque
compta modis vigeant, rationem reddere aventem
abstrahit invitum patrii sermonis egestas:
sed tamen, ut potero summatim attingere, tangam" (III, 258-261).

Não se trata, portanto, quando há afastamento entre o texto latino de Lucrécio, e o grego de Tucídides, de *má compreensão* ou *má interpretação* do primeiro, mas tão somente de liberdade na inspiração, e às vezes da dificuldade de dar, em latim, o sentido exato da língua grega. O exemplo de Virgílio, nesse particular, é significativo.

aestus — aqui, como em 1.049, 1.051 e 1.056, deste mesmo livro, significa uma corrente de emanções de partículas, uma onda de átomos que se desprende de algum corpo.

Vv. 1.141-1.144 — A origem da peste: os confins do Egito. Trazida de lá pelo vento, atravessou o mar e precipitou-se sobre a Grécia.

veniens... ortus — participios usados conjugadamente, ambos com um só e mesmo complemento: *Aegypti finibus*. O emprêgo de dois participios conjugados é encontrado em outros passos de Lucrécio, e mesmo na "Aratea" de Virgílio.

aera — acusativo grego, no neutro singular. O plural *aera* neutro é reservado para *aes*, *aeris*, bronze. O plural de *aer*, *aeris* é também masculino, *aeres*, mas só é empregado por Lucrécio e por Vitrúvio.

camposque natantis — Crf.:

"..... quid undas
arguit et liquidam molem camposque natantis?" (VI, 405).

incubuit — E' usado por Horácio no mesmo sentido:

"..... et nova februm
terris incubuit cohors" (Od., I, 3, 30)

Mas Ovidio prefere: "*incidit*" (Met. VII, 524).

dabantur — tem como sujeito oculto *homines*, incluído em *omni populo*.

Vv. 1.145-1.146 — Começa a descrição da doença: cabeça internamente quente e olhos injetados.

gerebant — isto é, *habebant*.

suffusa — Creech tem *suffulsa*, o que se não justifica.

Confronte-se: "*et duplicis oculos suffusa luce rubentes*", com "*ardentia oculos suffecti sanguine et igni*" (Virg. Aen. II, 210).

Vv. 1.147-1.150 — Internamente a garganta distilava sangue, bem como a língua que se apresentava grossa e áspera.

atrae — negro fôsko, opõe-se a *albus*; *niger*, negro brilhante, opõe-se a *candidus* (Ausoni, pág. 28).

lingua manabat cruore — construído com nom. da coisa que distila, e ablativo da substância que escorre.

O verbo *manare* pode ter as seguintes construções:

- 1º — a substância que escorre pode ir para o nom., acus. ou ablat.
- 2º — o local donde escorre, para o nom., ou ablat., com ou sem preposição.
- 3º — o local por onde escorre, para o ablat. sem prepos. ou acus. com *per*.
- 4º — o local para onde escorre para o acus. com *ad* ou *in*.

motu... tactu — ambos estão em dativo, pedidos por *gravis* e *aspera*.

Vv. 1.151-1.152 — O mau hálito era terrível, e tinha o odor de cadáveres apodrecidos.

Spiritus, etc. — Diz Creech (pág. 360): "Duos hos versos suo loco emotas versui 1.149 (1.151) subiungendos esse censeo. Ita enim Thuc.: *kai pneuma... ephiei*: et deinde melius conveniunt omnia, pressiusque declaratur Thucydides narratio". Essa mudança não foi aceita por Munro nem por Ernout.

perolent — usado só por Lucrécio, neste lugar.

Vv. 1.153 — 1.155 — Quando o defluxo sanguíneo descia até o peito, e atingia o estômago, provocava uma disenteria que levava à morte rápida.

Inde ubi, etc. — Neste ponto, Munro afirma que, indubitavelmente, Lucrécio "misrepresents" Tucídides, pois o historiador afirma que o fluxo sanguíneo vai ao peito, daí ao estômago, donde provoca disenteria. Tucídides usa "*cardia*", e Lucrécio traduz "*in cor*". Essa tradução, segundo Munro, prova irrefutavelmente que Lucrécio não entendeu Tucídides, pois "*cor*" em latim, não significa "*stomachus*". E acrescenta: "Lambinus in vain asserts that Lucretius here uses *cor* for *stomachus* after the Greeks; his wide departure from Thucydides and the whole turn of his language prove that *cor* here, as elsewhere, means the seat of life; nor is there the least authority for supposing that *cor* could have any other meaning" (pág. 670-1).

Afirmamos que Lucrécio, aí, interpretou bem Tucídides.

It — porque *cor*, em latim, também pode significar estômago. Ex.:

"..... Atqui
emovit veterem mire novus, ut solet, in cor
traiecto lateris miseri capitisve doloře",

(Hor. Sat. II, III, 28-29).

e mais ainda:

"..... Dicam.
Non est cardiacus (Craterum dixisse putato)
hic aeger" (Hor. Sat. II, III, 160-2).

It — porque o resto da expressão "*vitai claustra lababant*" dá a perfeita idéia de Tucídides: "as válvulas da vida ruíam", ou seja, as biles saíam sem que os intestinos pudessem retê-las, tal como se as portas do organismo se houvessem arrombado. Ou, como diz Creech (Pág. 360): "Et *anabus* (sc. verbis Thucydidis) intellegere possumus quid velint ista *omnia vitai claustra lababant*, etc. Sequebatur viz. *omnium intestinorum convulsio, atque inde excretiones cum torminibus*".

Estamos de acôrdo em que não era comum, em latim, usar-se *cor* por *stomachus*. Mas também em grego não era comum, tanto que o escoliasta de Tucídides acrescenta, à margem dêste local, a nota: "os velhos médicos denominavam *kardian* ao *stomachon*, e *kardiogmon* à doença do estômago" (apud Creech, l.c.). O argumento de Munro de ser comum em Hipócrates e Tucídides êsse uso, só procede quanto ao primeiro, pois o segundo só o usa uma vez: no trecho que comentamos.

vitai claustra — Cfr. "Et magis est animus vitai claustra coercens" (II, 390).

Vv. 1.156-1.159 — Com a disenteria, fluíam tôdas as fôrças do espírito e do corpo, já no limiar da morte. E todos êsses males eram acompanhados de angústia e ansiedade, e de gemidos, mistos a queixumes.

et omne — preferimos o acréscimo de Flor. L. 31, seguindo Ernout.

leti limine — Cfr. "leti iam limine ab ipso", (II, 960).

anctus angor — Munro afirma que Lucrécio também "misrepresents" essas palavras, pois Tucídides se referia "to the great distress caused by the violent vomitings". E continua: "Lucr. having as we saw quite misrepresented the rest of the sentence, *would not understand* these last words" (ibid. 671). Francamente, não podemos concordar com Munro, porquanto encontramos em Tucídides "*apokathârseis*", que significa "evacuações", e a si se referindo, diz: "*kaî aútai metâ talaiporías megáles*". Nenhum aceno há a vômitos. Que êste era o sentido de Tucídides, o próprio escoliasta o compreendeu, quando escreveu à margem: "*talaiporías megáles, tes dysenterias delovóti*". E logo a seguir Tuc. escreve: "*Lunx... kene*" que são soluços não seguidos de vômitos.

anctus angor — Cfr. "quem volucres lacerant atque exest anxius angor" (II, 993).

Vv. 1.160-1.162 — Um soluço frequente, obrigando os nervos e os membros a se contraírem, cansava os que já estavam cansados.

angultusque frequens — E' o "*lunx...kene*" de Tucídides, que significa soluço não seguido de vômito, mas com forte convulsão ou espasmo.

Vv. 1.163-1.167 — Passa a descrever a parte externa do corpo: não era quente, revelando febre; mas ao contrário, a pele permanecia tépida; não

obstante, cobria-se de uma vermelhidão, como se o doente estivesse atacado de erisipela.

posses — subjuntivo potencial ou hipotético.

nimio ardore — circ. de causa.

quasi inustis ulceribus — construção afoita de cláusula comparativa em ablativo absoluto: "(posses tueri) corpus simul rubere quasi id inureretur ab ulceribus".

sacer ignis — a vermelhidão de numerosíssimas pústulas e úlceras, a cobrir toda a superfície do corpo, dava a impressão de erisipela. Cfr.:

"existit sacer ignis et urit corpore serpens
quamcumque arripuit partem, repitque per artus" (VI, 660-1).

diditur — espalha-se. Cfr.:

"dum facile in venas cibus omnis inditur" (II, 1.125).

"nec facile in venas cibus omnis diditur ei" (II, 1.136).

"... et in venas discessit diditus ardor" (III, 477).

"diditur hic subito Troiana per agmina rumor" (Virg. Aen. VII, 144).

Vv. 1.168-1.169 — Em oposição os doentes ardiam por dentro até os ossos, e parecia que havia em seu interior uma fornalha.

flagrabat — Faber propõe expelir esse verso, sem razão. Cabe no contexto. O não figurar em Tucídides, não é motivo suficiente, pois Lucrécio não pretendeu traduzir simplesmente o historiador grego: tinha o direito de contribuir com algo de seu; e a imagem não é má.

Vv. 1.170-1.177 — Com esse calor interno, nada podiam suportar sobre a pele: expunham-se ao vento e ao frio; muitos atiravam-se nágua, outros em poços.

vertere in — Lamb., por *verteret*, nos mss.

at ventum — Lachmann; O et Q habent *adventum*. *Ventum et frigora*, acusativos, termos de movimento, sem preposição, por licença poética.

partim — advérbio que serve de sujeito, e, por ser coletivo, pode levar o verbo ao plural. Em oposição a *multi*, logo abaixo. Construção frequente em Lucrécio:

"Intereunt partim statuarum" (III, 78)

"et partim mutant" (V, 1.083).

"Inde magistratum partim docuere creare" (V, 1.143).

"et validos partim prae se misere leones" (V, 1.310).

"partim... vivebant" (VI, 1.208).

"perdebant... partim" (VI, 1.211)

e Cícero: "bonorum partim necessaria sunt, partim non necessaria" (Part. Or. 24, 86).

lymphis putealibus — dativo termo de movimento. Cfr.: "It clamor easis" (Aen. V, 451); "facilis descensus Averno" (Aen. VI, 126); comparem-se estas duas passagens de prosadores: "incidere in foveam" (Cic., Phil. 4, 5) e

"tantus terros incidit exercitui" (Caes., B. Civ., 3,13).

insedabiliter — adv. composto de *in sedo*, e só usado por Lucrécio.

Vv. 1.178-1.181 — O mal não abrandava; os corpos estavam estafados; os médicos não sabiam que fazer, os doentes não dormiam.

mussabat — cochichava, em tímidas tentativas. Bela metáfora.

expertia — construído com ablativo de separação. Atributos de *lumina*, tal como *ardentia*, que ardiam, e *patentia*, que estavam sempre abertos.

Vv. 1.182-1.196 — Estes quinze versos (Creech diz 14, pág. 362) não são tirados de Tucídides. Afirmam os intérpretes que foram respigados de Hipócrates: Não há dúvida de que os sinais da morte dados pelo poeta encontram-se nos trabalhos de Hipócrates, provando que Lucrécio se abeberou a essa fonte, mas sem intuito de reprodução, como o fez com Tucídides; fonte de informação documentada. Os sinais foram colhidos de modo salteado e tumultuário.

Vv. 1.182-1.185 — A mente ficava perturbada, pela tristeza e pelo medo, o semblante carregado, os ouvidos a zumbir.

animi mens — expressão usada em III, 615; IV, 758; V, 149; empregada por Catulo (LXV, 4) e por Plauto (Epid. IV, 1, 4).

triste sup., etc. — Diz Hipócrates, *Prorrheticus*, I, 49: "a boa cor do rosto e um ar feroz são de mau agouro". (Vol. V, pág. 522, da edição de Littré).

sollicitae aures — Hip., *Praenotiones Coacae*, 189: "Nas doenças agudas, ruídos e zumbido nos ouvidos são sinais funestos". (V, pág. 624).

sonoribus — ablativo regido por *plenae*, que, geralmente, pede genitivo. Mas cfr.: "Verres *ornamentis* fanorum atque oppidorum habeat *plenam* domum, villas refertas" (Cic. Verr. II, 4, 57, 126).

Vv. 1.186-1.189 — A respiração era rápida ou larga e rara; o suor esparria pelo pescoço; os escarros pequenos, amarelos e salgados, espelidos a tosse, com muita tosse.

creber spiritus, etc. Hip. Progn. 5: "A respiração frequente é sinal de ser ou de inflamação nas regiões subdiafragmáticas. Profunda e a longos intervalos indica o delírio".

sudorisque, etc. Hip., Progn. 6: "Os piores são os suores frios, e os que saem da cabeça, da face e do pescoço". (V, 147).

tenua sputa, etc. — Hesp., Progn. 14: "Uma expectoração muito amarelada, ou espumosa, é má". Cfr. ainda: "Os doentes, com uma tosse frequente, expectoravam pequenas matérias cozidas, que só saíam pouco a pouco e com trabalho" (Epidem. I, 2) (Lit. V, pág. 608-9).

Vv. 1.190-1.196 — A contração dos nervos fazia tremer as extremidades do corpo, e o frio subia dos pés. Por fim, nariz afilado, olhos fundos, têmporas cavadas, pele fria e dura na boca contorcida em espasmo, a testa estirada pela inchação, o corpo jazia rígido pela morte.

in manibus, etc. — Munro cita Hipoc., Progn. 7: 4, da ed. Littré: mas o melhor fonte de Lucrécio, Hip. Epidem. VII, 25: "respiração muito frequente; as mãos tornaram-se trêmulas, e a aproximação da morte foram tomadas de convulsão" (ed. Littré, vol. II, pág. 396-7).

trahere et tremere — infinitivos históricos ou narrativos. Mas podem ser tomados como complementares de *non dubitabant* (oculto nesta oração). Lambino prefere a passiva *trahier*, no que é combatido por Lachmann (ap. Munro). Temos, aí, o simples pelo composto: *trahere* por *contrahere*.

succedero — id est, sursum ire (Lamb., pág. 549) Cfr.:

"an simul ac nubes succedere, ipse in eas tum descendit," (VI, 402).

trigus — Nas descrições dos sintomas com 42 doentes, feitas no livro "Epidemias", Hipócrates nos assinala 16 com as extremidades frias. São eles: no 1º livro, o 1º, o 2º, o 4º, o 8º e 11º doentes; no 3º livro: os doentes 2º, 7º, 8º, 9º, 11º, 12º da 1ª série; e os 3º, 5º, 13º, 14º e 15º da 2ª série. (ed. Littré III, pág. 560).

non dubitabat — não hesitava. Construído com infinitivo:

"non dubitant transire sequenti concita plaga" (IV, 188).

"non dubitare illum... appellare sapientem" (Cic. de Amic., I, 1).

"quid dubitas uti temporis opportunitate?" (Ces., Bel. Civ., II, 34).

Mas às vezes, construído com *quin* e subjuntivo:

"dubitandum non existimavit quin proficisceretur" (Ces. B. Gal. II, 9).

ad supremum, etc. — Hip. Progn. 2: "Os traços atingiram o último grau de alteração quando o nariz está afilado, os olhos fundos, as têmporas cavadas, as orelhas frias e contraídas, os lóbulos das orelhas afastados, a pele da fronte seca, esticada e árida" (ed. Lit. III, pág. 114-5).

primoris — ponta, extremidade. Cfr.:

"sic hoc digitulis duobus sumebas primoribus?" (Pl. Bacch., IV, 4,80).

"qui primoribus labiis gustassent genus hoc vitae" (Cic., Proc. Cael. 19).

in ore, etc. — Esse verso é discutido. Resumamos.

O mss. O: "inhore tiacet rectum frons tenta mebat".

O mss. Q: "inoretiaacet rectum frons tenta mebat".

Nonius (181,27): "in ore iacens rictu frons tenta manebat".

Munro: "in ore trucei rictum frons tenta tumberat" (tumberat é de Helios).

Diz Munro: "pro *tenta mebat*, optime Lachmannus, et ante eum Nie. Heinsius, in notis quae sua manu scriptae penes me sunt, *tenta tumberat*", (II ed., pág. XXXVIII).

Ernout prefere a lição de Nonius, apenas modificando *rictum*.

tenta — esticada, pela inchação. Cfr.:

"refertque *tenta* grex amicus ubera" (Hor. Epod. XVI, 50).

e: "..... seu pingui *tentus* omaso

Furius hibernas cana nive conspuet Alpīs" (Hor. Sat. II, 5,40-1).

rigidi — preferimos *rigidi*, com Lachmann e Munro, predicativo de *artus*, sendo *morte* ablat. "nem muito depois os membros jaziam rígidos por causa da morte".

Vv. 1.197-1.198 — Volta a seguir a narração de Tucídides. Este, porém, fala em " sétimo ou nono dia", que Lucrécio, mais logicamente, ainda que talvez menos historicamente, transforma em "oitavo ou nono".

lampade — Cfr.: solque cadenti

obvius aeternam suscepit lampada mundi" (V, 401-2)

e: "Forsitan et rosea sol alte lampade lucens" (V, 610)

A imagem é frequente, também, em outros poetas.

Vv. 1.199-1.202 — Se alguém, como aconteceu, escapava dessa morte, sobrevivia-o outra, entre úlceras e disenteria, ou mesmo com abundante profluxo sanguíneo do nariz.

ut est — Munro propõe *ibei*; e Lachmann *vix*. Podemos conservar como uma oração equivalente a uma concessiva, com o verbo no indicativo.

proluvie alvi — Cfr.: Hipócr., Praen. Coac., I, II, 126: "No causus, um fluxo de ventre abundante é mortal" (ed. Lit., V, pág. 608-9).

manebat — usado transitivamente, com obj. dir. *hunc*. Nesse caso tem o sentido de "esperar". Cfr.: "te quoque magna manent regna penetrata nostris" (Virg. Aen. VI, 71). "mansurusque patrum pater est, dum hoc adveniat" (Ter. Phorm. 3.1.16); "etiam parasitum manes!" (Pl. Men. II, 3.67); "hic me mane" (Pl. Men., V, 7.49).

manebat está no singular por ser o sujeito composto de sinónimos.

aut etiam, etc. — êsse e os dois seguintes versos afastam-se de Tucídides; pois o historiador, neste ponto, não fala de hemorragias nasais. Lachmann diz que segue "obscurius", Creech protesta. Munro diz: "Is it not then probable that the poet, having a corrupt copy or an imperfect recollection of his auctor, has misapprehended his meaning, confounding 'tô en te hephatê kakón', with 'capitis dolor', and making the whole substance of the body

the head instead of letting the disease pass from the head through the whole body?" (pág. 673-4). Se admitimos, porém, em cima, a peregrinação de Lucrécio através das obras de Hipócrates, por que o não faremos aqui, se encontramos, nas Prenotações Coacas, (I, II, 130): "no *causus* uma hemorragia nasal, no quarto dia, é má?" (ed. Litt. V, 610-11).

expletis naribus ibat — talvez o emprêgo de *expletis* tenha evitado a repetição da preposição no verbo: *exibat*; já que uma tmese não só seria invulgar: "ex — pletis naribus — ibat", como teríamos de admitir o uso do particípio de *pleo*, que só é usado nos compostos.

huc — de preferência *hac*, com Creech e com Lachmann, ou seja, *por aí*, isto é, "pelo nariz e pelo ventre escapavam tôdas as forças e o corpo se esgotava".

Vv. 1.205-1.212 — Se o sangue não saía, atacava os nervos e as partes genitais, e os doentes, temerosos da morte, amputavam-se os membros e arrancavam até os olhos, contanto que tivessem esperança de salvar a vida.

artus — ac. regido de *in*.

profluvium — em acus. obj. dir. de *exierat*. O emprego de *exeo* como intransitivo é de Terêncio, Horácio, Virgílio, Ovídio, etc.

partim — v. nota supra.

ferro — Reclama Munro não haver dito Tucídides que os doentes "cortavam as extremidades com ferro", mas sim que "êles arrancavam as extremidades", mantendo-se vivos. Não há dúvida que "sterisko", significa privar, arrancar, e não especifica com que se arranca algo; mas será necessário afirmar que Lucrécio "não entendeu" Tucídides porque imaginou que os doentes "arrancavam" essas extremidades "com ferro"? E será essa uma interpretação "desajeitada" ou "pesada" (this has given an awkward turn)?

Vv. 1.213-1.214 — O esquecimento atacava alguns, e de nada se lembravam, nem mesmo de quem eram êles próprios.

Vv. 1.215-1.224 — A situação dos animais. Apesar de haver montões de cadáveres insepultos, não apareciam aves nem feras, que se afastavam por causa do mau cheiro. E se algum animal tocasse nos cadáveres morria logo. Entre elas os primeiros a morrer eram os cães, em virtude de sua convivência com os homens.

supra — Lambino e Munro explicam haver uma tmese, com os elementos invertidos: "corpora supraiacerent corporibus" (êste em dativo).

illis solibus — por aqueles dias.

tristia — em Macr. Saturn. VI; nos mss. *nectia*. Lamb. propõe *neo* *nectia*, para haver oposição a "illis solibus". *Tristia* é traduzido por Ernout com o sentido de "accablés": "et les animaux féroces, accablés, ne sortaient point des forêts".

ida canum vis — Cfr.: "fortis equi vis" (III, 8); "permissa canum vis" (IV, 881); e "odora canum vis" (Virg. Aen. IV, 32).

membra — dativo de separação, com verbo composto de *ex*. (Cfr. "neo quâ hunc errorem extorqueri volo", Cic. Cat. M., 85).

Vv. 1.225-1.228 — Não havia um remédio comum: o que a uns curava, a outros apressava a morte.

ad — é usado êsse dativo, por Lucrécio, ao lado de *alid*.

horre — usado com força de um acusativo, do qual dependem outros infinitivos: *volvere* e *tueri*.

volvere — Cfr.: "volvît sub naribus ignem" (Virg. Georg. III, 88).

tueri — Cfr.: "taedet caeli convexa tueri" (Virg. Aen., IV, 451).

Vv. 1.220-1.231 — Daí morrerem muitos; nem se podia achar, a êsse tempo, alguém que não estivesse afligido ou pela morte, ou pela doença ou pelo luto.

bonam partem — designa a parte do sujeito afetada pela ação do verbo. Constrói-se em geral com o verbo na voz passiva. Dessa forma, muitas vezes, sendo o sujeito já anteriormente citado ou conhecido, a expressão — de sentido coletivo — permanece no singular como único sujeito aparente do verbo no plural; o que causa maior estranheza por se achar, geralmente, no acusativo. Vejam-se os exemplos:

"non minimam partem mortis formidine aluntur" (Lucr. III, 64)

"maximam partem ad iniuriam faciendam aggrediuntur nonnullis" (Cic. De Off. I).

é o "mesmo caso de *partim*: "eorum autem ipsorum partim eiusmodi sunt, ut ad universos cives pertineant, partim ut singulos attingant" (Cic. De Off. II) (v. nota aos vv. 1.170-1.179).

quisquam — quando a negativa é geral usa-se *quisquam*; quando particular emprega-se *aliquis*.

temptaret — no singular, porque o sujeito é composto de sinônimos abstratos, além de que estão ligados por disjuntivas.

Vv. 1.232-1.240 — O pior de tudo era que, quando alguém se via atacado pela doença, ficava triste como se estivesse condenado à morte, e muitas vezes morria logo. E como o contágio não cessava de alastrar-se, eram êles vitimados como um rebanho indefeso. Isso aumentava o número de mortes.

morbo — preferimos considerá-lo, com Munro, ablat. pedido por *implicitum*.

morti damnatus — é raro encontrarmos *damnatus* com dativo, a não ser com *morti* e *orco*, por analogia com *dare* e *mittere morti*. Na época imperial o dat. generalizou-se, porém. (B. de C., I, 137).

ut esset — equivale a *ut si esset*. Cfr.: "fulsere undae, sol magnus ut orbem tolleret aut nubem quateret polus" (Val. Flac. V, 92) e "Romae nocturnus terror ita ex somno trepidam repente civitatem excivit, ut Capitolium atque arx moeniaque et portae plena armotorum fuerint" (Liv. VIII, 37, 6) Ap. Munro, pág. 675 e XIII.

deficiens animo — Neste, e no seguinte, Lucrécio faz, ao vivo, seu próprio diagnóstico: a melancolia o assaltava já de tal forma violenta, que só um caminho para êle havia: morrer. E isso fez: escreveu mais alguns versos apenas, e, não resistindo, ingeriu uma beberagem, suicidando-se. A crise chegara ao climax.

cumulabat funere funus — Cfr.: "caedem caede accumulantes" (III, 71); "Africanus eloquentia cumulavit bellicam gloriam" (Cic. De Off. I, 116); "nonne etiam alio incredibili scelere hoc scelus cumulasti" (Cic. Cat. I, 14).

quippe etenim — Munro pergunta: "what is the meaning of these conjunctions?" e continua (pág. 675-6) procurando provar que não há razão para o emprêgo das mesmas, pois Tucídides escreve: "O pior era 1º, que quando alguém era atacado pelo mal entristecida de morte, e 2º que o contágio se alastrava cada vez mais".

Com efeito, Lucrécio ficaria mais conforme ao texto grego se tivesse escrito "*quippe etiam*". Teríamos, então: "Illud erat aerumnabile, quod quisque iacebat, quippe etiam contagia non cessabant"; ou seja: "isto era mais lamentável, porque... porque também...". Quem ousará afirmar, diante da evidência do sentido do texto grego — que vemos Lucrécio ter bem compreendido sempre — que Lucrécio não haja escrito "*quippe etiam*", transformado por um copista, ou o do arquétipo ou mesmo outro anterior, em "*quippe etenim*"?

apisci — Nota Munro que nesse sentido *apisci* "seems a not unnatural, but yet unusual application of the word". Mas continua: "Plautus however in his epitaph has *mortem aptus est*" (pág. 676).

lanigeras — Cfr.: "*lanigeraeque simul pecudes et bucera saecula*" (V, 866).

Vv. 1.241-1.248 — Os que evitavam visitar os doentes, acabavam morrendo sózinhos, abandonados, sem socorro; e os que eram solícitos, e acudiam aos necessitados, também morriam pelo cansaço e pelo contágio. Esse era o destino dos melhores homens, das pessoas mais caridosas.

visere ad — restituído por Turnebo, conforme testemunho de Lambino.

poenibat — por *punibat*, também restituição de Turnebo. E' frequente o uso de *oe* por *u* entre os escritores mais antigos.

visere ad, etc. — Neste ponto, mais uma vez Munro critica Lucrécio de não interpretar bem as palavras de Tucídides. Escreve: "Thuc. continues *este gar me théloien dediotes allélois prosiénai, apollunto, éremoi*: but instead of making 'oi páschontes' nom. of 'apóllunto', he tooks 'oi dediotes prosiénai' for its subject; and feeling the weakness of the argument he has tricked it out with these embellishments, and given three lines to express the two words of Thuc". Com efeito, Lucrécio embelezou o trecho, aqui e mais alguns versos abaixo. Mas seria obrigado o poeta latino a "traduzir literalmente" o historiador grego? Havia algum contrato de tradução? E isto é argumento suficiente para que Munro tire as seguintes deduções: "The educated Romans of Lucretius' time had an exquisite knowledge of their own tongue, its syntax, its grammar, its prosody, all its refinements and capabilities; they were also well acquainted with Greek, such as Greek then was; but the Attic of Thucydides and Sophocles, of Plato and Demosthenes had been dead of centuries; and Greek had become the lingua franca of the civilised world" (Pág. 676)? Será que Cícero, Ático, Horácio, Virgílio, e tantos outros (the educated Romans...) que iam aperfeiçoar seus estudos na Grécia, não compreendiam o grego desses autores? Se a afirmação fôsse feita a respeito do "povo romano", em geral, poderíamos estar de acôrdo.

Cfr.: Ernout (I, X): "La connaissance profonde qu'il (Lucrèce) a de la poésie, de la philosophie latine et grecque, témoigne d'une éducation soignée qui se poursuivait sans doute auprès des maîtres athéniens".

praesto — advérbio, usado geralmente com o verbo *esse* para indicar a presença ou existência de alguém ou de alguma coisa, em sentido próprio. Na accepção figurada significa, junto a *esse*, estar à disposição de alguém, assistir alguém, socorrer, secundar, servir.

No 1º: "Ibi mihi praesto fuit Lucilius cum litteris tuis" (Cic. Fam. 3,5);

"iste ad horam nonam praesto est" (Cic. Verr. 2.2.38).

No 2º: "praesto esse virtutes ut ancillulas" (Cic. Fin. 2.21); "qui tibi semper praesto fuit" (Cic. Qu. 16).

ibant — o mesmo que *obibant*, *peribant* ou *interibant*; simplex pro composito.

Não é a única vez que Lucrécio emprega tal verbo nesse sentido: Cfr.:

"denique saepe hominem paulatim cernimus ire
et membratim vitalem deperdere sensum" (III, 526-7)

"quam quo decursum prope iam siet ire et abire" (II, 962)

"saepe aliqua tamen e causa labefacta videtur
ire anima" (III, 593),

"...videtur ire foras animam" (III, 608).

As línguas novi-latinas conservaram esse sentido de *ire* "Antonio foi-se", "Antoine s'en est allé", "Antonio se n'è andato, fu", "Antonio se fué", em napolitano "ce n'è ito", etc.

optimus quisque — uso idiomático, significando "todos os melhores", sendo *quisque* sempre pospositivo.

Vv. 1.249-1.252 — Além disso os pastores e agricultores adoeciam, e a moléstia os ceifava em suas choupanas pobres.

Praeterea, etc. — Esses quatro versos não se acham em Tucídides nesse local.

Mas Lucrécio, que não “traduzia”, e sim “se inspirava” no historiador, aproveita o que este diz em 54.1: “homines et intra muros morerentur et foris ager vastaretur”, e interpola quatro versos magníficos, entre os quais, um é a repetição do que já escrevera anteriormente:

“Nec robustus erat curvi moderator aratri
quisquam...” (V, 933),

e que êle aproveita magistralmente.

Vv. 1.253-1.257 — Esses camponeses doentes confluíam para a cidade, naturalmente na esperança de achar remédio, e por falta de casas e albergues, amontoavam-se nas praças e em refúgios. Com o calor que fazia, mais facilmente morriam assim aglomerados.

minimam partem — v. comm. supra.

is maeror — proposto por Munro, a exemplo do que fez Creech, propondo “*is aegror*” ao invés do “*aegroris*” de Lambino. Nos mss. há “*maeror is*”, e Munro supõe: “*is* was absorbed by agris; then *maeroris* was written to fill up the verse”; talvez nem isso: viu que havia pulado o *is*, escreveu-o depois, sem cuidar da métrica.

quo magis aestu — Lambino aconselha “*quo mage eos tum*”, que dá sentido perfeito, mas é algo forçado, e não foi aceito. Nos mss. há “*quo magis aestus*”, que Munro aceita, colocando após uma lacuna, e Ernout adota, confessando estar corrompido o trecho. Marulo, Juntino e as edições vulgatas têm “*aestu*”. Lachmann propõe “*astu*”.

Cremos poder admitir *aestu*, a que o copista, inadvertidamente, e por influência dos outros “*s*”, em finais de sílabas, tenha acrescentado a sibilante. Ficaria o sentido: “*complebant omnia loca tectaque; quo magis aestu, mors accumulabat (eos) ita confertos, acervatim*”, ou seja: “enchiam todos os lugares e casas; e tanto mais *por causa do calor*, a morte aumentava atabalhoadamente (êles) assim amontoados”.

Vv. 1.258-1.260 — Após falar nos corpos amontoados pela morte (confertos... acervatim), Lucrécio acrescenta, mais logicamente aqui que algures, uma descrição patética: poder-se-iam ver corpos de filhos sobre os dos pais, e pais e mães mortos sobraçados aos filhos.

super — regendo ablativo; observe-se a preposição posposta, no primeiro exemplo, e também no segundo, com mais violência ainda.

Vv. 1.261-1.263 — Muitos corpos jaziam pelas ruas, feridos pela sede, e outros em redor das bicas públicas, por beberem água demais.

viam per — preposição posposta.

proque voluta — tmese: *et provoluta*

silanos — bicas públicas, fontes. Lambino explica: “ad fonteis, ad aquarum tubos et fistulas e quibus erumpit aqua” (Pág. 557). Creech cita Hyginus, fab. 169: “*Neptunus compressit Amymonem, pro quo beneficium ei tribuit, iussitque eius fulcinam de terra educere, quam cum eduxisset, tres, Silani secuti sunt, qui ex Amymones nomine Amymonius fons appellatus est*”; e Celso, lib. 3, c. 18: “*Confert etiam aliquid ad Somnum Silanus iuxta cadens*” (pág. 366). Faber é mais original: “*tubos, aquarum canales, salientes. Qui linguas orientales callent, vocem esse mere Arabicam aiunt*” (pág. 520). E Munro: “*so that the silanos aq. are these krénai, and must have got their name from the water coming out of the mouth or body of a Silenus*” (página 678).

prostrata — Lach. e Munro preferem *protracta*. Ernout fica com os mss.

Vv. 1.264-1.268 — Não só cadáveres se viam pelas ruas, mas moribundos, com os corpos imundos, cobertos de trapos, com a pele sobre os ossos, e toda cheia de chagas e sujeiras.

loca prompta — lugares abertos, públicos.

paedore — Lambino justifica com Cic. Tusc. III, 26: "detestabilia genera lugendi, paedores, muliebres lacerationes genarum..."

inlucie — Lachmann põe entre chaves este verso todo. Munro defende-o, citando Cícero, Tusc. III, 12: "barba paedore horrida, Atque intonsa, infuscat pectus inlucie scabrum" (pág. 678).

pellis — Liz Lamb. "quidam vir doctus legendum censet *pellis*, in sexto casu" (pág. 557). Com efeito, Munro escreve *pellis*, em sua edição, nada explicando a respeito, pois apenas diz isto: "1.270. *pel. sup. os. una.* appears to be proverbial: Plaut. Capt. 135: ossa atque pellis sum miser aegritudine; aulul III, 6, 28: Qui ossa atque pellis totust: ita cura macet; Virg. Egl. III, 102; vix ossibus haeret" (pág. 678). Em português é de facto proverbial: "era só pele e osso".

una — uma só, somente.

sordique — em todos os textos, menos no de Ernout, que traz *sordeque*, sem dizer porque. Inegavelmente está em ablat. e é da 3ª decl. (*sordes, is*), devendo, por ser subst., fazer o ablat. em *e*. Mas, tendo o tema com *i* é preferível o ablat. em *i*, e preferimos acreditá-lo assim, pois que, sendo o *e*, no ablt. da 3ª, breve, seria difícil satisfazer à métrica com *sordeque*. Ernout, que prefere *sordeque*, atesta a confusão que sempre existiu (I, XXII).

Os ablat. são pedidos por *sepulta*, cfr.: "invadunt urbem somno vinoque sepultam" (Aen. II, 265).

Vv. 1.269-1.274 — Havia muitos mortos, também, nos templos e capelas, cujos porteiros os haviam transformado, pela necessidade, em hospedarias. Aliás, não havia respeito nem às divindades nem às autoridades, pois a dor superava tudo. Tucídides afirma isso mesmo, neste ponto, mas desenvolve muito mais esse tema, em todo o cap. 53.

manebant — no sentido de *erant*.

deum... replerat... complerant... divom — todas essas palavras estão contractas, sendo a última gen. arc.

nec iam, etc. — Diz Munro: "it would not be easy to say what feeling was uppermost in the mind of Lucr. when following in the footsteps of Thuc. he wrote these vss" (pág. 678). Cremos não ser tão difícil, assim a explicação, se lermos Tucídides, (53,4): "Deorum autem metus aut hominum lex nulla arcebat, quippe illos quidem colere perinde esse iudicabant, ac non colere, quod omnes pariter mori viderent". Esse é o sentido de Lucrécio, que antecipou o que disse Tucídides, encaixando-o muito bem.

numina — cremos ser a transcrição latina de "nómos", lei, vontade, poder. Teríamos então *religio divom* = o respeito aos deuses; e *numina* = as leis, o poder, (dos deuses ou dos homens).

Lei ou vontade dos deuses: "non haec sine numine divum Eveniunt" (Virg. Aen. II, 777); "Deo cuius numini parent omnia" (Cic. Div. I, 53).

Lei ou vontade dos homens: "Vadimus immixti Danaïs, haud numine nostro" (Virg. Aen. II, 396); "magna vis est, magnum numen unum et idem sentientis senatus" (Cic. Phil. III, 13, 32):

Dal ter passado a representar os próprios deuses ("si quem numina laeva sinunt", Georg. IV, 7) ou os homens revestidos de poder, como, mais tarde, os imperadores romanos.

magni — genitivo de valor indefinido.

Vv. 1.275-1.276 — Nem continuava, na cidade, o modo de dar sepultura, a que estavam habituados seus habitantes.

pius — em O; *prius* em Q. Lamb. prefere *prius*, por estar mais conforme a Tucídides; Lachmann afirma: "Lucreti ingenium parum cognoverunt qui

praesepant prius" (ap. Munro, pág. 678). Tanto Munro como Ernout aceitam *pius*, como também preferia Faber, que chama até o testemunho dos Atos dos Apóstolos, para afirmar que os Atenienses eram piedosos (pág. 520). A escolha é puramente intelectual, de acôrdo com a preferência de cada um. Todavia, como pouco antes Luc. afirma que cessou a "*religionem divom*", e como basta o mais que perfeito "*consuerat*" para dar a idéia do passado anterior, aceitamos também, com os três maiores intérpretes de Lucrécio, *pius*.

V. 1.277 — Com efeito, vem logo o exemplo: procuravam apressar os fêretros toscos e sem companhia.

certabant — seguido de infinitivo, esse verbo significa, em geral, apressar, porfiar, esforçar-se.

rapi — puxar com força, donde roubar, raptar.

vasta — está no sentido primitivo de rude, grosseiro, desagradável à vista, sem ordem, descuidado, tosco. Cfr.: "*vultu motuque corporis vasti atque agrestis*" (Cic. De Or. I, 25, 115).

Vv. 1.278-1.279 — E agora o motivo: Todo o povo estava perturbado, e cada um procurava enterrar o seu defunto como podia, segundo as circunstâncias.

unusquisque — Observe-se o interessante "enjambement" da palavra, cuja metade pertence a um verso, e a outra metade ao verso seguinte.

consortem — Nos mss. falta essa palavra, que aparece em L. 31, em Mar. Cambridge, Lamb. Junt. etc.; Lachmann propõe "*compostum*"; Munro, aceito por Ernout, completou "*pro re praesenti*".

Preferimos conservar o "*consortem*", que exprime perfeitamente a idéia de "companheiro de infortúnio", "o que tem a mesma sorte" (cfr.: "*consors mecum temporum illorum*", Cic. Mil. 37, 102; "*consortia tecta*", Virg. Georg. IV, 153, etc.). De outro lado, *pro re*, já é por demais suficiente para exprimir "de acôrdo com a circunstância, conforme o caso", sem ser necessário acrescentar "*praesenti*", pois já se compreende que é a circunstância do momento presente. Além disso, teríamos que substantivar "*suum*", e não cremos elegante a expressão: "*unusquisque maestus humabat suum (?) pro re praesenti*".

Vv. 1.280-1.284 — A pobreza e a desgraça mais perturbavam as cabeças, e os cadáveres eram lançados em cima das piras erguidas pelos outros, o fogo era ateado logo, e surgiam brigas sangrentas, mas não abandonavam os corpos.

vis — em L. 31; *res* em G, Vat. 1.136 e 1.954; em O: *et*; em Q: *fit*. Prefiro *vis*, porque além de L. 31, está em Vat. 640, e é abonado por Urbin., Mar., Ald. 1. Junt. Lamb., e explica melhor o erro de Q: *fit*. E, além dessas razões porque Lucrécio, na presente descrição da peste, usa cinco vezes a palavra *vis* (Vv. 1.092, 1.098, 1.128, 1.152 e 1.224) para exprimir a peste, a doença, a força do mal. E no decurso de seu poema, emprega essa palavra centena de vezes. Munro e Ernout preferem *res*, que, na descrição da peste só é usado duas vezes, na acepção de "circunstâncias", "coisas".

insuper = super, com acusativo: *extructa aliena*.

Vv. 1.285-1.286 — E porfiando uns com os outros no sepultamento da multidão dos seus mortos, regressavam a casa, cansados pelas lágrimas e pela tristeza.

Comenta Lambino: "*et cum certarent, ac contenderent suorum mortuorum turbam in alia familia, vel inter dissimilis tribus, at municipii homines sepelire, et cet. Populum fortasse dixit, quem graeci demon appellant*" (Pág. 555).

Faber escreve: "Verborum enim consecutio haec esse debuit: "alius in aliis, Alius porro in aliis populum, seu ingentem multitudinem suorum necessariorum, familiarium sepelire certantes, lacrimis lassi luctuque redibant" (página 391).

E Munro, após haver afirmado: "one or more verses are evidently lost here, or the passage was left in an unfinished state" (pág. 306), diz mais adiante: "inque, etc. has at present nothing to govern it, perhaps never had", e propõe um verso para completar o sentido:

"aut etiam bustis iam ardentibus iniciebant,
inque aliis alium populum sepelire suorum
certantes, lacrimis lassi, luctuque redibant" (Pág. 677).

Aceitando a versão "inque aliis alium populum, etc.", o sentido fica sempre suspenso, conforme atestam todos os intérpretes de Lucrécio.

Formulamos pois a seguinte hipótese: o verso é:

"cumque aliis alii populum sepelire suorum
certantes, lacrimis lassi luctuque redibant".

Houve um erro de copista, provocado pela confusão de sons. Tendo lido *cumque aliis alii*, o copista, ainda com os últimos *ii* no ouvido, começa a escrever: "inque aliis alii...", e aí se apresenta o som *um* do início, que ele escreve sem hesitar: *alium*. Esse erro é bastante comum nos copistas, e podemos citar o exemplo do mss. de Virgílio, que no verso 356 do livro II das *Geórgicas* escreveu: "submoveret ipsa", ao invés de "sub vomere et ipsa". A troca de sons é fonte de jogos de palavras em todas as línguas (chassant sacher, por sachant chasser; Torquasso Tato, por Torquato Tasso, e tantos outros exemplos, sendo fenômeno universalmente admitido que, trocada uma sílaba anterior por uma posterior, ao chegar-se à posterior é proferida a anterior. Quem disser Torquasso, dirá Tato, e nunca Tasso; quem disser Tortasso, dirá Quato, e nunca Tasso, etc.).

Esta hipótese tem apóio nas palavras de Tucídides: "alii vero, dum alterius cadaver arderet, suo cadavere, quod ipsi ferebant, superiecto, discebant" (52,4). O próprio Munro escreveu: "and the *lacrimis lassi luctuque redibant* he (Lachmann) refers to these lookers on who had something else to do in attending on their sick; not to those who had struggled to bury their dead though that must be their meaning; nay it seems to me almost certain that the poet means by these words to express the "apéesan" of Thuc. 1. c." (pág. 677) ou seja: as últimas palavras de 52,4.

Com essas palavras fica muito mais logicamente terminada a narração do terrível flagelo que devastou Atenas; a ordem da descrição de Tucídides é mais seguida; o sentido do contexto fica mais completo; e o sentido dos dois versos só fica completo aí nesse lugar.

Mesmo que se não queira admitir a transformação, que nos parece plausível, em "*cumque aliis alii*", mesmo assim, isto é, mantendo-se a tradicional frase "*inque aliis alium populum*", esses dois versos calham bem só aí, ainda que, com essa leitura, requeiram mais esforço para sua completa compreensão.

No entanto, somos pelo *cumque*, em virtude de estar construído com o verbo *certare*. Com efeito, *certare*, tem as seguintes construções:

A — de modo absoluto.

B — 1) com ablativo; 2) com *cum aliquo*, vel *aliqua re*; 3) com *cum aliquo aliqua re* (abl. instr.); 4) com dativo (poético); 5) com *alicui*, *aliqua re*; 6) com acusativo de objeto; 7) com *de* (v. Lucr. V, 1.082); 8) com *de re*,

cum aliquo; 9) com *super*; 10) com *pro*; 11) com *inter* (frequentemente com ablat. da coisa ou com *de*); 12) com *contra*; 13) com *adversus*; 14) com *in* e acus.; 15) com *ad*;

C — seguido de infinitivo;

D — seguido de uma oração;

Para se designar a pessoa com quem *certat aliquis*, usa-se apenas o ablativo com *cum*, ou, poeticamente, o dativo, a não ser que se empregue *inter*, sendo sujeitos da ação os dois combatentes. Exemplos:

"malitia certare tecum miseria est" (Plaut. Pers. 238).

"quit tot annis de imperio cum populo Romano omnium gentium vitore certasse" (Cic. De Or. II, 18, 76)

"ego memini T. Tincam... cum familiari nostro... certare" (Cic. Brut. 46, 172)

"utrum... utilius vel Fabricio vel Senatui nostro, armis cum hoste certare an venenis?" (Cic. De Off. 3, 22, 87).

tu dic mecum quo pignore certes" (Virg. Egl. III, 31)

"Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet" (Virg. Egl. IV, 58).

"desine mecum certare" (Hor. Ep. 18, 31).

e ainda mais: Cic. Div. in Caec. 44; Cic. Verr. 4, 9; 5, 68; 6, 115; Cic. Cat. 2, 11; 2,18; 2,25; Cic. Brut. 3; Part. Or. 89; Ac. 2.101; Off. 3,42; Att. 5.9.3; 9,14,6 (14.17.6); 11, 15, 2; Ov. Met. 5,310; 6,25; 13,20; Sall. Cat. 54,6; Jug. 6.1; Bell. Alex. 29,3; Curt. 4.14.10; Tac. Hist. 4.37; Pacuv. trag. 25; Varro, R. Rust. 1.13.7; Plaut. Truc. 948; Cic. Caecin; Phil. 10.10; epist. 9,16,5, etc., etc.

Com dativo: "Troiae me gessi certans semper melioribus" (Hor. Sat. II, 5,19).

Certare só é construído com *in* e acusativo, geralmente designando contra o que, e raramente contra quem, *certat aliquis*. Mas essa construção aparece quase sempre na época imperial.

Exemplos:

"quid frustra missis in me certatis habenis?" (Prop. 3,1,13)

"nisi in contumeliam ignominiamque nostram certare iuvat" (Liv. 4.4.12)

"in quorum spem dubiam erat certatum" (Liv. 10, 6-11).

in quam sententiam inter paucos certatum verbis fuerat" (Liv. 10,19,5)
ut in accessionem patrimoni peregrinando cum uxore certarem" (Sen. contr. 2.7.1)

"certant in omne facinus" (Sen. Phoen. 298)

"multitudine omnium provincialium in studia reginae certantium" (Sulp. Sev. Chron. 2.34.2)

"in eventum totius belli certabant" (Tac. Hist. 2.42)

"componimur... vecordi Decio mecum certare violenti in decus et famam" (Sil. 11,213)

Todavia, não conseguimos encontrar a construção de *certare* com *in* e ablat.

Difícilmente Lucrécio construiria "certantes... in aliis". Muito mais conforme a seu uso é: "alii certantes cum aliis".

Lucrécio usa o verbo *certare*, se nos não equivocamos, 9 vezes, inclusive a que comentamos, nos seguintes passos, mas jamais com *in*: II,119, III,779; V,393; 1.082, 1.124; VI,509, 1.277 e 1.286.

Quanto ao que Lachmann escreve: "*cumque* nisi cum relativis coniunctum lingua Latina non agnoscit" (Comm., pág. 288; apud. Stampini, "Nel Mondo Latino", 2ª série, 1.921, pág. 253), quer ele referir-se, parece-nos, ao adverbio *cumque*. Não é isso, porém, que aqui temos. É sim a preposição *cum*

ligada à conjunção *que* = et cum... Ora, essa construção, *cumque* é usada desde Plauto:

- "cum istoc ornatu cumque hac pompa" (Plaut. Curc. 2)
- "cum tua amica cumque amationibus" (Pl. Merc. 794)
- "cum istoc invento cumque incepto perduint" (Ter. Heaut. 811)
- "ut pater nuptae cumque parente domus" (Ov. Ibis, 602)
- "plebs pia cumque pia laetetur plebe senatus" (Ov. Trist. IV, 2,15).

mas também num prosador:

"Hisce omnibus, Catilina, cum summa reipublicae salute, et cum tua peste ae perniciē, cumque eorum exitio..." (Cic. Cat. I, 13, 33)

Ora, o próprio Lucrécio une a conj. *que* a preposições monossilábicas. Por exemplo:

Contemplator enim cum solis lumina cumque Inserti fundunt
radii per opaca domorum" (II, 114-5)

"*eque* tuo pendet resupini spiritus ore" (I, 37)
"*inque* locum quando remigrant" (II, 966)
per totum caeli spatium diffundere sese,
perque volare mare ac terras caelumque rigare" (IV, 202-3), e tantos outros.

X — ANOTAÇÕES SOBRE A MÉTRICA

Apesar de estar, pela época em que viveu, mais próximo de Virgílio do que de Ênio, Lucrécio segue mais o criador do hexâmetro. Nas cesuras é bastante regular, preferindo a pentemímere; do trecho estudado, sobre 197 versos, 136 têm cesura pentemímere. As cesuras estão assim divididas:

Pentemímere: 136. Das quais são:

Pentemímere trocaica: 1.122, 1.217, 1.269.

Pentemímere após monossílabo: 1.107, 1.108, 1.134, 1.199, 1.211, 1.279.

Pentemímere numa elisão: 1.175, 1.227, 1.252, 1.266, 1.280, 1.282.

Heptemímeres 1.097, 1.099, 1.110, 1.112, 1.115, 1.116, 1.127, 1.142, 1.147, 1.158, 1.159, 1.161, 1.172, 1.180, 1.186, 1.189, 1.191, 1.204, 1.210, 1.224, 1.228, 1.229, 1.242, 1.244, 1.245, 1.253, 1.273, 1.275.

Heptemímere com triemímere secundária: 1.090, 1.091, 1.092, 1.104, 1.128, 1.145, 1.154, 1.178, 1.195, 1.239, 1.257, 1.261, 1.270, 1.281.

Triemímere: 1.124, 1.209, 1.213, 1.214, 1.215, 1.216.

Triemímere trocaica: 1.192.

Triemímere com heptemímere secundária: 1.095, 1.126, 1.132, 1.167 (depois de monossílabo), 1.206, 1.251, 1.096 em elisão.

Triemímere e pentemímere secundária trocaica: 1.249.

Outra anotação: o 6º pé é espondeu em 77 versos e troqueu em 120.

O 5º e o 6º pés são constituídos de um pentassílabo: 1.098, 1.125, 1.133, 1.260, 1.263, 1.275, 1.277, 1.284.

Numerosos são os versos que têm o 5º e o 6º pés constituídos de uma palavra cada um, e mais de uma dezena tem o 4º verso constituído de uma palavra só.

OBSERVAÇÕES

1.097 — *perturbarunt*, por *perturbaverunt*. ?

1.109 — *virum*, contração de *virorum*

1.119 — *proinde* tem a primeira sílaba ditongada com a segunda.

1.124 — No 5º pé há uma elisão forte: *simile atque alienum*.

1.136 — *consuevimus* — o *u* foi consonantizado por necessidade métrica. Com esse mesmo verbo, Lucr. usa do mesmo processo em I, 629; II, 300; 483, 498; V, 977-V, 1.398, VI 397, 520, 1.043. E quer parecer-nos que só usou esse verbo nesses locais.

1.153 — *complerat* — por *compleverat*.

1.155 — *vitai*, por necessidade métrica, da mesma forma que em 1.242.

1.169 — *cuiquam* — observar o i breve, como em 1.170.

ditongo

- 1.170 — *tenve* — também aqui, por necessidade métrica, o *u* foi consonantizado, tal como nos vv. 1.188 e 1.194. Fato usual em Lucrécio.
- 1.175 — *Inciderunt* — com a penúltima sílaba correpta. X
- 1.194 — Observar a elisão do *i* longo diante de *o* breve: *cavati oculi*.
- 1.199 — *vitarat* — por *vitaverat*.
- 1.206 — *hvic* — aparece outro *u* consonantizado
- 1.215 — Aparece aqui outra elisão forte: *humi cum inhumata*.
- 1.218 — *gustarat* — por *gustaverat*.
- 1.225 — Observe-se a penúltima sílaba breve, quando à prosódia, na palavra *remedi*. t/
- 1.233 — Encontramos aqui *ubi* com *i* longo, ao contrário do que foi usado nos versos 1.109, 1.119, 1.153 e 1.218.
- 1.269 — Duas contrações: *deum* por *deorum*, e *replerat* em vez de *repleverat*.
- 1.272 — *Complerant* — por *compleverant*.
- 1.273 — *divom*, por *divorum*.
- 1.276 — *consverat*, por *consueverat*; além da contração, há a consonantização do *u*.
- 1.280 — outra consonantização: *svasit*.

XI — CONCLUSÕES

1) As palavras que lêmos em São Jerônimo: "*cum aliquot libros per intervalla insaniae conscribisset, quos postea Cicero emendavit, propria se manu interfecit, anno aetatis suae XLIV*" correspondem à verdade histórica rigorosa.

2) Com efeito, pela leitura do poema, e mórmente da descrição final da peste, vemos que o pessimismo e a angústia aí revelados levaram Lucrécio ao desespero final e ao suicídio.

3) Por isso o poema é abruptamente truncado, não tendo sido terminado, desde que Lucrécio se suicidou na crise de melancolia depressiva que lhe sobreveio na idade de 44 anos.

4) Lucrécio era um predisposto ao suicídio, e não só a descrição da peste como numerosos outros passos do poema atestam êsse pavôr do incógnito do post mortem.

5) Essa angústia, que o deve ter levado várias vezes a crises de desespero e desânimo agudo (per intervalla insaniae) êle acreditou poder curá-la com a teoria de Epicuro. Lançou-se a seu estudo e, crendo-se curado, iniciou uma campanha escrita para curar os outros mortais, escrevendo para êles o "De Rerum Natura".

6) Seu entusiasmo natural, entrecortado porém de pessimismo ao longo do poema, arrefecia, às vezes; e ao chegar à descrição da peste — em que esperava provar que as doenças não são enviadas pelos deuses, mas simplesmente ocasionadas pelos micróbios — a própria vivacidade que colocou na narrativa o emocionou de tal forma que, provavelmente, o fez recair, e desta vez sem remédio, levando-o ao suicídio inópino, para afastar-se de uma vida que êle sempre confessara monótona, vazia, cheia de falhas.

7) Podemos, pois, colocar a confecção do poema entre o penúltimo e o último acesso agudo de melancolia (per intervalla insaniae).

8) Na descrição da peste, verificamos, mais:

a) que, como todo o indivíduo doente, especialmente os angustiados, êle estudou livros de medicina, mórmente a parte que se referia ao momento da agonia e da morte; e entre êles Hipócrates, bastante seguido no trecho final do poema;

b) que a angústia diante da agonia e da morte iminente, a melancolia, o derrotismo, a ânsia da cura, a desesperança coletiva de salvação, a obsessão do suicídio, são o reflexo de sua própria alma; e daí o grande colorido de vida que deu à narração, muito superior à de Tucídides.

9) Lucrécio conhecia bem o grego e seguiu Tucídides na ordem rigorosa da descrição que da peste faz o historiador grego; não porém como tradutor nem como intérprete, e sim como se se documentando numa testemunha visual. Bem lhe compreendeu o sentido, e quando dêle se afastou foi voluntariamente, para trazer a contribuição pessoal do que êle mesmo sentia em si. Com efeito, Lucrécio usava a crítica racionalizada do cientista, que pro-

curava as provas, a evidência, as experiências, e tinha intuições que se vieram concretizar como realidade científica séculos depois. Dai o grande valor que dava à prova testemunhal.

10) Na descrição da peste, Lucrécio usa, pela primeira vez em latim (documentadamente) as palavras: *pestilientia*, *coactare*, *perolere*, *insedabiliter*.

11) O verbo *consuescere*, no perfectum, só é usado por Lucrécio na forma *contracta*, e além disso com a consonantização do *U* (*consvescere*).

12) Lucrécio jamais constrói *certare* com *in* seguido de ablativo.

13) Na ordem dos versos, temos que admitir as seguintes modificações:

- a) O verso 1.225 deve ficar depois do 1.279;
- b) os versos 1.154, 1.155 devem ficar antes do 1.151;
- c) os versos 1.149-1.151 devem passar para antes de 1.230;
- d) o grupo 1.256-1.258 deve passar para depois do 1.263; e
- e) os versos 1.247, 1.248 devem ser os últimos do poema.

14) Os dois últimos versos do poema devem ser lidos:

*"cumque aliis alii, populum sepelire suorum
certantes, lacrimis lassi luctuque redibant".*

BIBLIOGRAFIA

Obras consultadas diretamente para a feitura de tese (os números entre parêntesis são os do catálogo da Biblioteca Nacional; as obras não assinaladas com esses números são de biblioteca particular):

De Rerum Natura (Thomas Creech), Oxonii, 1.695 (IV-278,3,10); De Rer. Nat. (Jos. Cominus), Patavii, 1.721 (V-100,3,27); De Rer. Nat. (Wakefield) Glasguae, 1813 (IV-276,3,21-24); De Rer. Nat. (Lambinus), Paris, 1563 (V-78,6,15); De Rer. Nat. (Tan. Fabri), Salmuri, 1662 (V-363,4,13); De Rer. Nat. (Michael Fayus), Paris, 1680 (V-77-,6,1); De Rer. Nat. (?) Londres, 1712 (IV-397,7,24); De Rer. Nat. (Ant. Constelier), Paris, 1744 (V-53,1,25); De Rer. Nat. (?). Birmingham, 1777 (IV-316,7,9); De Rer. Nat. (A. I. Munro), New York, 1861 (IV-57,1,42); De Rer. Nat. (Jacobus Bernaysius) Lipsia, 1890 (III-73,1,7); Editio Aldina minor, in 32°. Lucrèce — De la Nature — (A. Ernout) Paris, 1942. Lucrèce — Trad. de Lagrange, — Paris. (Garnier) s.d.

Thucydides, De bello Peloponnesiaco libri VIII, 1588 (V-113,6,2); Thucydides, ex recensione Immanuelis Bekkeri, Oxonii, 824; Thucydidis Historia Belli Peloponnesiaci, (F. Haase), Paris, 1855 (V-77,5,6); Hippocrate, Oeuvres complètes, (Notes et Trad. de E'. Littré), Paris, 1846 (III-328,4,15-26); E. Stampini-Nel Mondo Latino, 2ª série, Torino, 1921; Ausonii Popmae, De differentiis verborum, Neapoli, 1719; Cicero, Correspondencia, 3 vols., Les Belles Lettres, Paris, 1940, W. M. Lindsay, Critique des Textes Latins, Paris, 1898; Louis Havet, Règles pour éditions critiques, Belles Lettres, s.d.; Maurice Prou, Manuel de Paléographie, Paris, 1892; G. Hinstin, Les Romains à Athènes, Paris, 1877.

Quanto às gramáticas, as mais consultadas:

J. R. Madvig, Paris, 1873; Allen and Greenough, Boston, 1916; Guardia et Wierzeyski, Paris, 1876; Jos. Janssens, Alost, 1897; Ang. Paredi, Milano, 1943; Sal. Reinach, Paris, 1886; Aug. Magne, Rio, 1930; Syntaxe Latine, de O. Riemann, Paris, 1942; Morph. Histor. du Latin, de A. Ernout, Paris, 1945; Sintassi, Lipparini, Milano, 1935; Sintaxis, Ant. Tovar, Madrid, 1946; Manuel des études grecques et latines, L. Laurand, Paris, 1921; Ferdinand Antoine, Syntaxe, Paris, 1885; M. Bassols de Climent, Sintaxis Historica, Barcelona, 1945-1948.

Outras obras compulsadas:

Cliquennois, Le grec et le Latin, Paris, 1909; Victor Magnien, Gramm. comp., Grenoble, 1944; J. Vendryes, Gramm. comp., Paris, 1948; Bennet, The Latin language, Boston, 1907; J. Marouzeau, Stylistique, Paris, 1946; H. Ch. Helmer, Studies in Latin Moods and Tenses, Ithaca, 1898; Liddell-Be-

(X) fano; impossível atualmente

necke, A History of Rome, Londres, 1901; Th. Mommsen, Storia di Roma Antica, 3 vols., Torino, 1943; Gaston Boissier, Cicéron et ses amis, Paris, 1865; Clovis Lamarre, Hist. de la Litt. Latine, 9 vls., Paris, 1899-1907; A. Vannucci, Litt. Lat., Torino, 1886; Ant. Traglia, Sulla formazione spirituale di Lucrezio, Roma, 1948; R. Cagnat, Cours d'Épigraphie lat., Paris, 1914, etc.

Dicionários: Saraiva; Quicherat, Lat.-Fr.; Fr.-Lat.; Thesaurus Poeticus; Goelzer; N. Theil; Calepinus. Liddell-Scott, Greek English lexicon, Oxford, 1929. A. Juret, Dict. Étym. Grec et Latin, Macon, 1942, etc.

Prosódia e métrica: H. Bornecque, Paris, 1900; Thurot et Chatelain, Paris, 1892; Grumbach et Waltz, Paris, 1900; L. Quicherat, Paris, s.d.; Marques Leite, Rio, 1940; L. Havet et L. Duvau, Paris, 1939.